

ra-me ao seu leito de ferro. No quarto paira um cheiro forte de remédios e desinfectantes.

O Nogueira, é certo, continua a dar-me provas duma cega confiança, mas eu é que a perdi de todo em mim mesmo e, o que é pior, já não sei o que é estar tranquilo um momento. De dia para dia vou percebendo melhor o que fiz, medindo os estragos que pratiquei. Não poder repará-los! Trabalho calado, com o peito a noventa e a cem pulsações. Nem sei como posso resistir.

Não há remédio senão vender os móveis novos. A Luísa vê, com mudo espanto, desfazer-se isto tudo. Não protesta. E eu não me atrevo a explicar-lhe.

— É preciso, é preciso. Não se discute. Sabes lá como os negócios andam maus!... É tudo a piorar, a piorar...

IX

ALI passo os compridos serões desse fim de Inverno chuvoso — toda a noite ouvindo o vento nas janelas altas e a chuva que bate intermitentemente nas vidraças. Nesta rua, os rumores acabam cedo. Fico só, no quarto andar silencioso, enquanto ela repousa do longo dia de trabalho. Mas, de vez em quando, abre-me a porta. Põe-se a espreitar, e eu vejo-lhe no escuro os olhos tristes e apagados no rosto sem cor, e a mancha do cabelo solto... Não diz palavra. Faço-lhe um gesto para que se vá deitar, a porta cerra-se e continua o silêncio. Dentro de mim, porém, uma indefinível interrogação nunca se cala. Sinto os soluços subirem-me à garganta, e um mar de lágrimas que não chego a libertar.

A vida acabou por me parecer uma inútil tor-

tura sem beleza nem grandeza, um desterro, onde se paga um minuto de prazer com longos anos de amargura.

Trabalho como nunca. Pretendo salvar o meu filho, não lhe deixar encargos nem dificuldades. Sei até que ponto os homens são exigentes em matéria de honra — para com os vencidos e os humilhados. Se eu lhe falto!

Arranjei escritas para casa e, altas horas da noite, só ouço o ranger da minha pena no papel calandrado, e o canário, na sala de jantar, assustado com a luz, afiando o bico no poleiro. Pia timidamente. È alguma pergunta incompreensível, um conselho de amigo...

Que fazem no mundo certos entes inúteis? O destino deste é comer e cantar. Mas outros sofrem como eu, embora irresponsáveis do mal que praticaram... Eu sofro — e ele canta! Não é livre. Mas que seria dele sem a nossa protecção, fora da gaiola doirada, onde nada lhe falta? (O próprio amor é uma luta de morte.) Muito bem, eu sou livre: mas prende-me ao sofrimento uma cadeia invisível e tenaz. Sou um prisioneiro da liberdade! A liberdade é o direito de suportar heroicamente a dor — sem dela culpar ninguém. — Não posso ouvi-lo cantar. Este contraste encoleriza-me. Se o libertasse? Não... Será melhor matá-lo! Preciso de violência, a minha dor exige um escape. Uma noite, exasperado, fora de mim, abro a porta da casa de jantar... (Calou-se, talvez pressentindo o perigo.) Um momento basta-me para compreender o instinto cego de vingança, de réplica ao destino, que

me impele a matá-lo. E a Luísa, que tem por ele tanto carinho! Não, é melhor deixá-lo viver.

Mas este episódio torna mais agudos os contrastes da minha existência.

Acabo por habituar-me a ouvi-lo.

O trabalho, afinal, volta a ser o ópio que me liberta, que liberta o meu sonho de irresponsabilidade.

O processo da morte desenrola-se aos meus olhos, até aos últimos limites da decomposição orgânica, em diabólica e perversa nitidez. Um calafrio... Recaio nas cifras com desespero, com uma pressa dolorosa de chegar — mas não sei onde. Ah, eu acredito na remissão dos meus pecados pelo sacrifício... Julgo talvez que me salvo! Em mim há, no fim de contas, como em toda a gente, várias personagens que se contradizem, predominando alternadamente na vontade. E uma tendência religiosa, o apelo para o «mais alto»!

Somo, conto, escrevo, divido, numa febre. Os números voam, impelidos por um sopro alucinante. Como é possível trabalhar assim? Não penso, não chego a calcular. Dir-se-ia que alguém me segreda o resultado de operações que não realizo; o meu trabalho é mecânico e veloz. Amontoam-se os cadernos de papel pautado, cobertos duma caligrafia nervosa. Quem comanda o meu trabalho mental, os movimentos do meu braço? — Uma noite, ergo-me num gesto

de revolta contra as sombras que me impelem. Basta! Ninguém...

É o delírio. Cada vez mais depressa! Sinto que resvalo na loucura. Um sopro de alucinação roça-me a pele e passa...

Percebo debaixo de mim um abismo escuro — e vou sempre. Roo as unhas da mão esquerda, como os estudantes que esperam a vez de entrar a exame. Doem-me as costas e o braço, de estar curvado a escrever.

É preciso repor, salvá-lo. Mas as despesas que faço com a sua doença absorvem-me os recursos por completo. A minha pena rasteja, range, apressada, fúnebre, nervosa. O risco lutuoso que ela deixa parece alastrar, como um véu desenrolado e flutuante, na casa, maior, quase deserta, desde que os móveis foram seguindo ao seu destino de miséria.

Levo noites seguidas sem dormir. Durante as curtas horas de repouso, revolvo-me na cama abafando os suspiros, com mil angústias e pensamentos maus que me invadem a cabeça com um rumor de cascata. É aí, sobretudo, na câmara escura do meu quarto, que as visões me surgem. É uma luta contínua, até ao amanhecer.

A voz submissa pergunta-me do lado:

— Que tens?

E eu:

— Nada. Vê se dormes.

Ouço-lhe um suspiro. E continuamos os dois a fiar a insónia.

A sua companhia começa a parecer-me necessária. Pouco a pouco, passo a experimentar uma

dorida, infinita piedade por esta mulher, sempre de guarda à minha vida. Faço-lhe uma carícia fugitiva, seguro-lhe a mão, que treme e destila um suor impressionante. Esta mulher honesta — pudor e sacrifício acumulados — vejo-a de repente só, com o filhinho nos braços, tão tímida e tão fraca. Vejo-a! E luto em vão contra o receio de abandonar estes dois pobres seres. Morrer é o que menos me importa. Tenho de salvá-los, expiar o mal imenso que lhes fiz a todos (e ao Nogueira, tão bom, de falas tão mansas!), embora tenha de morrer depois, na paz do meu lar reconstruído e feliz.

Ninguém pode supor o que é agora o ímpeto da minha vida, toda concentrada nesta ideia fixa.

Ao romper da manhã, quando a mão da luz, discreta, bate nas vidraças, ergue-se ela sem rumor, e vai cerrar devagarinho as portas interiores para que o sol não me venha importunar. Não volta mais à cama. Bem a sinto, mas não posso abrir a boca para dizer-lhe «obrigado»!

Recomeço decerto a amá-la. Mas é um amor de saudade e renúncia... como direi?, um amor de arrependimento. Na urna branca do seu corpo — impossível tocá-lo! — olho o meu passado morto, sem remédio, inatingível. E amo-o como ele foi, ou antes — como desejaria que ele tivesse sido. O meu passado irreal e o verdadeiro!

A sua lida, que a noite curta mal suspende, principia muito cedo. De madrugada, extenuado

pelo monólogo interior, eu escorrego quase insensivelmente numa lenta modorra, misto de sono, de cansaço e de torpor. Dormito e ouço os passos cautelosos dela, em palmilhas de meias. Depois é a porta da escada que se abre com um suspiro de paz, quando ela sai às compras, ainda ao lusco-fusco. Através da ligeira cortina do meu sono, rememoro então distantes emoções... O quê? Reconheço esta voz que me fala... Aquele dia de chuva... «Na minha terra havia...» A recordação dum palavra amarga, dum injustiça, enche-me dum remorso angustioso. Primeiro dia de escola, a minha solidão, as lágrimas, o embrulhinho do lanche...

Meu pai! Vejo-o morto — onde isso vai! — com as mãos lívidas e magras enclavinadas numa cruz de madeira, e o lenço manchado de sangue atado na cabeça... Apavora-me a visão que julgava extinta. E esta luz amarela? Folhas estilizadas, ouro e negro — um rumor de soluços, de suspiros... Sobre o veludo negro escorrem lágrimas que brilham como astros, e o meu dedo estende-se para lhes tocar... — «Não! Não!» Ponho-me, com esforço, em busca de uma doce lembrança. É insuportável! Agora, é uma letra... «Não. Também não.» Aquela capa de pano verde-escuro, minha mãe, que fomos os dois vender um dia — acabara-se o pão... «Não quero! Não quero!» — E de repente uma cruz sobrepõe-se às primeiras imagens. Como é que... Apelo para o que há de bom no meu passado. Remorso, uma saudade... Um beijo. Que é feito dela? Também essa morreu... Uma planície rasa

— e cruces. Os meus olhos, cerrados, intumescem-se de pranto, que desliza e goteja na almofada com um ligeiro rumor.

— Estas horas!

— Onde vais tu? Não saias!

— Vou, tenho de ir!

— São quatro horas. Que vais fazer à rua?

— Já te disse. Tenho de ir.

— Chove a cântaros...

— Que importa!

— Oh, meu Deus!

— Deixa-me ir, deixa-me ir... Eu tenho pressa, tu não vês?

— Mas queres alguma coisa? Estás doente?

Tenta agarrar-me. Tenho de ir! Salto da cama abaixo, calço-me, visto-me à pressa. As minhas mãos tremem, não acerto com os botões...

— Não me digas nada! Não me peças mais nada!

Levanto a gola do casaco e saio, fechando os ouvidos aos rogos da Luísa. Para onde vou eu? A minha resolução é firme e absurda. Alguma coisa me chama, imperiosamente... As ruas estão desertas e alagadas. Só ouço os meus passos, que ecoam nas paredes fronteiras. Acelero a marcha. Está frio, bato os dentes. Esta casa... Paro. Não a conheço. Não sei bem onde estou. Tudo escuro... Tacteio pedras, portas. Entro. Sou eu que marchou? São antes as coisas que se deslocam e transformam à minha volta.

Salas, salas imensas, todas frias, obscuras e desertas. Uma casa abandonada. Não sei aonde vou, mas uma força impele-me, e obedeço... Diante de mim está uma porta imensa e negra, de metal. Olho-a, apalpo-a: chega ao tecto, é fria, fria... Os meus dentes batem como castanholas. Doem-me os dedos enregelados, mas, com muito esforço, luto para abri-la. Como é pesada! Gira silenciosamente. Um cofre? Um cofre! Escuro, parece uma caverna... Tenho medo. Mas mergulho lá dentro, tacteando e explorando o negrume interior, onde há um vago reluzir de pedras e metais... E vejo! Vejo! O cofre abarrotado de riquezas! O quê, é tudo meu?, é tudo para mim? Embriaga-me a volúpia da posse... Enterro, no ouro e nas pedrarias que cascalham com brandura entre os meus dedos, as mãos, trémulas e lívidas na fosforescência sobrenatural das jóias.

À pressa, meto nos bolsos, confusamente, quanto eles comportam. Não poder levar tudo! Estou ébrio, um calor delicioso, voluptuoso, percorre-me o corpo, invade-me as mãos. E tudo isto começa a dançar em meu redor, as jóias saltam, rodopiam, luzem...

Grito: «É tudo meu! É tudo meu!» Um estrondo, surdo e sinistro... Sumiu-se tudo, as jóias desapareceram como luzes que se apagam. «A porta! Abram a porta!» *Alguém me fechou no cofre!* «Abram a porta! A porta!» Bato desesperadamente. Mas agora já não encontro nada, nem paredes, nem porta, nem jóias. «Abram! Abram!» Chega até mim um ranger

de correntes... Vou morrer aqui dentro... «A porta!» Sufoco. «Ar!»

Alaga-me um suor de agonia.

Já não posso dormir. O sonho afugentou-me o sono. Ergo-me e vou sentar-me a ver amanhecer por detrás das vidraças, na melancolia cinzenta e silenciosa desta manhã de Inverno. Uma tinta lívida e amarga espalha-se nas fachadas, que vão surgindo aos poucos da penumbra caótica da noite. Formas e cores... As árvores, sem folhas, esbracejam. E as últimas gotas de chuva escorrem nas vidraças, como lágrimas silenciosas.

Tomei horror à cama e nunca me entrego confiado ao sono. Desperto num sobressalto, a boca aberta e seca, e a impressão de que me despenho. Um terror, que não posso dominar, sacode-me o corpo e a cama, e fico durante muito tempo acordado, a seguir com doentio interesse a lenta acalmia das artérias. Aos pés da cama (voltámos ao nosso leito humilde do noivado), tilinta um ferro mal seguro, num risinho irónico, marcando o compasso das minhas pulsações. Comprimo as roupas contra o importuno, para o não ouvir.

Imploro às forças misteriosas da noite que me deixem repousar da luta, por algumas horas. Rezo então com fervor — não sei o quê, pois que já não creio em Deus, e julgava até ter esquecido as orações que em tempos aprendi.

Alguns pesadelos, conheço-os tão bem como certos romances que relemos. Repetem-se, com as mesmas angústias e o mesmo domínio duma força oculta. É inútil que a mim mesmo repita (no que existe sempre em mim de consciente) que é tudo uma rápida ilusão. Tenho de sofrer esta prova. Submeto-me ao absurdo, como à fatalidade inelutável.

A minha inquietação não tem limites. (Ainda lateja em mim esta ânsia de partir!) Tudo está deserto, o cais e o navio... Que estranha atmosfera de sobrenatural! É a hora exacta da partida. Não há gritos, não há rumores no cais nem a bordo. É um barco-fantasma, fluido, imaterial. (Sonho, com certeza; mas é bom sonhar assim...) Caladamente, afasta-se da terra, que se esconde em densa bruma. Navegamos ao largo. Como tudo é rápido, ligeiro! O ar sufoca. Não se ouve um grito de ave, nem uma voz humana. O navio corta as ondas... Bruscamente, desata-se um vento furioso e a chuva cai, contínua e cerrada. É belo ver chover sobre o mar. É tudo cor de cinza — o céu, as ondas enormes, o navio, eu próprio... Só uma faixa de luz alaranjada, que pouco a pouco empalidece em gradações mais suaves, até se tornar dum verde pálido, angustioso, rasga o horizonte. Não posso fugir à infinita tristeza desse pormenor: um suspiro de luz que corta o céu, rasando as ondas duma luz de Além... A noite desce, súbita e opaca, sobre o mar fosforescente. Começa a minha angústia... No alto das ondas implacáveis refervem espumas. Ninguém! Ninguém! Nem um

grito! E estou só... Há muito que percorro o navio em todos os sentidos, tropeçando, escorregando, segurando-me ao cordame, às amuradas, a coisas que não conheço nem distingo, no silêncio e na bruma. E não vejo vivalma. De súbito, nas trevas, o navio transformou-se e encontro-me num bote, abandonado, sem remos nem velas, como num caixão... Naufraguei. Luto há muitas horas contra o mar. O barco mete água. Esgoto-a furiosamente, e ela cresce sempre no fundo, zombando dos meus esforços inúteis. Extenuado, deito-me ao comprido, voltando para o céu o rosto humedecido pelas lágrimas e pelos salpicos amargos do mar. Soluço e titubeio, implorando um vago Deus. E nisto deslizo para as ondas incansáveis e frias. Mergulho, sobrenado, grito, bracejo desesperadamente, com os cabelos empastados nos olhos, e adivinhando sobre mim o voo raso e agoirento das aves... Quanto tempo levo assim? As ondas arrastam-me em direcção a uma costa agressiva, de arribas empinadas, onde o mar quebra em altíssima espuma. No fundo nocturno, a brancura espectral e sinistra da rebentação desenrola-se, agitada, pela costa fora, como uma mortalha ululante... As ondas impelem-me irresistivelmente. Abandono-me, sem forças. A poucos metros já de mim, ruge a tormenta. As vagas desfazem-se na rocha com um rumor de trovada.

A morte, a morte na espuma desvairada! Os corvos roçam na minha carne os seus bicos de ferro. Uma vaga mais alta ergue-me agora, vai

despedaçar-me contra as finas arestas da muralha, desfazer-me em farrapos sangrentos... E os corvos!

Um grito imenso (eu de envolta na espuma) brota de mim, talvez da própria tempestade. Estendo e crispo as mãos, procuro suste-me, deter a força que me arrasta...

Arquejante, alucinado, a gemer, a soluçar, amarfanho as roupas aflitivamente. As mãos dela serenam piedosamente a minha dor, alissam-me o cabelo revolto, afagam-me a testa humedecida, enrugada, envelhecida; a sua boca maternal derrama palavras balsâmicas e meigas, que me fazem lembrar minha mãe — morta há tanto!

Abrago-me a ela e choro.

Ó meu Amor... Que seria, sem ti, o meu destino!

Choro. E, mais sereno, beijo-a com ternura humilde e agradecida.

X

A meu lado, o seu corpo branco e humilde espera sempre. Eu mal ouse tocar-lhe. É superstição ou timidez? Receio abrir uma comporta de ternura e de volúpia dolorosa. — Esta carne tão doce, que primeiro me embriagou e depois odiei, apenas a afloro numa rara carícia fugitiva. Nenhum de nós pode tornar a acreditar na volúpia. No entanto, sinto que ela me oferece o único prazer legítimo que resta à minha vida amarga e destroçada. (Eu não me atrevo...) E deseja também — em silêncio, ou num murmúrio casto de água nascente.

Será justo esmagar assim perpetuamente a carne e elevar a alma só na dor? Não há direito a mais nada na vida? — Para ela o mundo já não tem alegrias nem sol. Dar um pouco de amor a esta pobre mulher escravizada e sofridora, que tornei tão infeliz...

É possível que um instinto de pureza redentora me iniba de apertá-la nos braços como outrora. Mas de novo, e com todo o meu ser, desejo a mulher que beijei fresca e virgem. Rememoro o nosso antigo amor, puro e ardente, as noites rápidas em que a nossa carne ardia numa exaltação voluptuosa, até que a madrugada vinha encontrar-nos adormecidos e enlaçados. Depois, a presença do nosso filho encheu-nos de pudor.

Agora — com o doente, ali no seu ninho alvo do quartinho ao lado... Não, não! Seria um sacrilégio apertá-la nos braços... O nosso prazer seria como um grito de amor sobre um abismo, e os nossos espasmos acabariam talvez em lágrimas de dor.

Vivo envolto na atmosfera de pesadelo como na própria realidade.

Como as pessoas que escaparam dum incêndio ou dum naufrágio e ficam revendo em alucinações o horror da tragédia, eu passei a viver sob o domínio do medo.

Em pleno dia, na rua, as visões tomam conta de mim. Tenho um receio horrível de enlouquecer completamente.

Quem me vir então correndo nas ruas, com a testa alagada, pára decerto a olhar para mim, supondo-me fugido ao manicómio ou à cadeia...

Só a companhia da Luísa modera em mim o terror. Tranquiliza-me saber que a tenho ali para me consolar das torturas que sofro. Durante algumas noites consigo dormir tranquilamente, e chego a julgar-me perto da cura.

Esta noite, depois de um trabalho extenuante, deitei-me em silêncio, com o peito oprimido como de costume, e adormeci logo, coisa rara, num sono de chumbo.

De repente... «Como? Não pode ser!» Vejo-me a caminhar ao longo duma rua larga, cheia dum tépido sol de Primavera. Vou alegre como o ar que me envolve, duma alegria saudável, primitiva, e com uma impressão de segurança, de bem-estar definitivo, que me espanta. «Mas como é... Se eu tenho ideia de me ter deitado tarde, morto de frio e de cansaço... Como estou eu na rua, *nesta* rua, de manhã, com sol, e tão alegre? Não, não... Esta confiança, esta segurança na vida, tudo é mentira, tudo alucinação.»

Esforço-me por ver claro. Procuro ver-me *eu-próprio-um-outro*, como sucede tantas vezes, quando sonhamos. Inútil. Uma força obriga-me a aceitar a realidade... «Mas se há pouco adormeci na minha cama!» E não sei onde estou, nem aonde vou. É-me impossível explicar isto, por mais que tente convencer-me de que durmo. Há tanto que não experimento uma alegria saudável! Abandono-me. Se é tão bom viver assim, por momentos que seja!... Acreditar que se é feliz... Que fiz eu de extraordinário? Vou ligeiro e alegre. E no entanto, por estranho que pareça, estas avenidas claras, soalhentas, limpas — eu não as conheço, mas alguma coisa em mim as reconhece... Há nelas não sei o quê de irreal... Não me lembro de as ter visto... No entanto, *sinto* que devo conhecê-las. Uma cidade nova? Não posso neste momento... O Brasil. O Brasil?

Ah, sim, é isso mesmo! O Nogueira — o Brasil, exactamente... Percebo, agora percebo muito bem: vou a caminho do meu escritório, estou no Brasil, em... Que obstinação! Deixa lá o nome. — Que alegria! Ando, e olho as fachadas dos palacetes, os renques de árvores em flor. Alguma coisa paira de sobrenatural, como um perfume, como um pressentimento... E o ar tépido, o ar novo e lavado, o céu em festa. (Sensação que me davam na infância os «dias santos»...) Silêncio, silêncio — e nas ruas desertas a claridade ri... Onde está essa gente? Deve ser muito cedo. Respiro fundo, o ar consola. Que silêncio!

Ah, agora! Já vejo homens. Duma esquina surge a testa dum cortejo, vagarosa. Oh, tanta gente... Homens, só homens, de cabeça descoberta e curvada. A multidão ondula, cerrada. Não se ouve um grito, não se ouve um passo. Dir-se-ia que pisam cautelosamente algum tapete. E eu caminho também sem rumor. O silêncio deles impõe-se. Abro os olhos o mais que posso, para ver... Lá vêm. É uma enchente. Dobram a esquina e derramam-se na rua, todos lentos e de negro. É um fluir contínuo, regular; vejo a cadência dos corpos, e o silêncio mortal sufoca-me na luz. Não se abre uma janela, é horrível. Há qualquer coisa de estranho! A tristeza, a angústia deles comunicam-se-me também. Cheio de espanto, apresso-me para ver. Não dão conta de mim, não me falam, nem mesmo quando me ponho a atravessar a multidão, que não me oferece resistência física. Estremeço. Dir-se-ia que roço e trespasso fantasmas, corpos visíveis

mas etéreos, fora das leis da matéria sensível... Vultos, vultos (não vejo a cara de nenhum) — e eis o núcleo do cortejo: os homens arrastam lentamente um carro pequeno e baixo, quase um carro de mão... Ninguém olha para mim. Tenho de ver... — Não vale a pena! — Já que vim até aqui...

— Dá licença...

A minha curiosidade é angustiosa: «Eu bem dizia! Eu bem dizia!...» Vejo um caixão enorme, negro e descoberto. «Não quero ver, vou-me mas é embora!» O meu coração pulsa violentamente. A alegria evaporou-se no ar, tenho medo, tenho medo, mas *preciso de ver*... «Quero-me ir embora!» É uma atracção imperiosa. Absoluto silêncio. Dou uma volta ao esquife... (Os homens andam sempre.) — «Mas se eu não quero ver! — É preciso!» Desfaleço de receio, quero desviar os olhos, tremo. Não me empurrem! A força obriga-me a olhar... «O quê? Sou eu próprio?! *Eu!* Não quero, que horror! É absurdo!» A minha cara tem uma expressão cruel: a cabeça numa torção aflitiva, os olhos fixos, revirados, perdidos no infinito... Duvido por momentos de mim mesmo. As minhas ideias... Tudo me choca e me desvaira. «Se aquele sou *eu*... Sou eu, então, *outro?*» Tenho de fugir. O esquife parou e a multidão impalpável escoou-se em ondas silenciosas... O morto hipnotizou-me, não lhe posso fugir. Um peso de chumbo caiu sobre mim, prende-me ao chão. Faço um esforço desesperado para me libertar, para romper a cadeia daquele silêncio

de morte... «Larguem-me! Larguem-me!» De começo quero gritar, mas o ar não vibra, não liberta o som. Asfixio. Acabo por soltar um grito sobre-humano, que me dilacera o peito... A multidão desfaz-se em fumo; fica a rua deserta, cheia de sol, e eu abandonado no esquife... Sou eu! Sou eu! Deixam-me só!... Sinto que estou realmente no esquife, eu, morto e só! Não desdobrao, como há pouco, mas *um só eu*. E de novo não posso gritar. Estou morto. «Levem-me! Levem-me!» Mas quem pode ouvir o pensamento? O ar é opaco. Escurece. É noite? Ficarei aqui para sempre? Um terror sem limites. Que escuridão horrível! Sinto o esquife amolecer lentamente sob o meu peso. Não vejo nada. Tenho a rigidez dos mortos. Onde estou eu? Vivo... O meu coração bate... Uma saudade penetrante daquele sol tépido, daquela Primavera sorridente... E a alegria de me sentir de novo «eu próprio»...

Levo tempo a libertar-me do letargo. Terei morrido realmente e acordo para um mundo de trevas? Recomponho-me com esforço. A pancada longínqua e regular dum relógio restitui-me à realidade. Oriento-me. Tenho não sei que atroz suspeita... Ergo-me de salto (a Luísa dorme), e vou curvar-me sobre o leito imaculado e branco do meu filho: dorme também, serenamente, entre as cortinas, caídas como asas de anjos que velam. A sua almazinha deve pairar nalguma região alegre e superior do mundo, embora o seu pobre corpo enfermo esteja aqui, ardendo numa febre teimosa e demorada.

O seu futuro... É tão dócil e tão bom, este menino! Nunca me importunou, como certos pequenos egoístas que toda a noite choram. A este bastava dizer-lhe «dorme!» para adormecer. E terá de ouvir palavras dolorosas: «Vá-se embora, o seu pai foi um ladrão!» (Crispo as mãos na grade do seu leito inocente.) Hão-de fechar-lhe as portas na cara, com receio e com desprezo... «Capaz de ser pior que o pai, que foi um gatuno de marca...»

E eu, santo Deus!, morto ou no desterro, sem poder valer ao pobre cuja existência envenenei desde o berço... Nem acabando com a vida poderei poupá-lo. A minha morte seria para eles a desgraça completa. É preciso viver! Repito comigo mesmo: «Tenho de o salvar, tenho de os salvar!»

Quando volto à cama, rompe a madrugada. Tenho o coração mais tranquilo e a minha resolução é mais segura.

XI

—SENHOR RENATO, acho-o mudado, o senhor parece outro. Anda abatido, porque não se trata? Vá para fora, descansar algum tempo... Você trabalha de mais, temos de arranjar quem vá se pondo ao corrente destes assuntos.

Com as noites de insónia e pesadelo, e o trabalho incessante, o meu cansaço é visível. Todas as manhãs descubro novos cabelos brancos. Uma ruga triste e sinuosa persiste-me na testa, que tomou uma cor de oca desbotada. Despertou-lhe a atenção o meu acabrunhamento. Olho-o disfarçadamente: é por suspeita, ou é por verdadeiro interesse que ele assim me fala? Quem poderá dizê-lo? Não quero abrir-me, despertar-lhe a atenção.

— Não senhor, não tenho nada, estou perfeitamente... É talvez um pedaço de anemia, ou o fígado... Uma tristeza que me dá de vez em quando, e mais nada. Isto passa.

Não, eu não preciso de mais nenhum empregado. Não quero testemunhas. Não admito que ninguém aqui entre, ainda que tenha de centuplicar o meu esforço.

Se lhe dissesse a razão principal do meu abatimento? Mas não. Ele quererá com certeza ir ver o pequeno. E depois? Notaria a falta dos móveis que lá conheceu no «bom tempo». (Como tudo isso parece ir longe!) A casa está tão triste! As plantas da sacada murcharam, abandonadas.

— Há muito que não vejo o seu pequeno. E a sua senhora?

Replico, sem responder com o meu olhar ao olhar que sinto pousado em mim:

— Estão bons, estão rijos. O pequeno tem crescido muito.

— Deve estar um homenzinho.

— Um homenzinho...

Um anel vermelho cinge-me as imagens. Porque me olha tão insistentemente? Parece apreensivo. Anda mais sério do que antes. É preciso que eu me mostre risonho e bem disposto. Quanto tempo vai durar esta horrível comédia? As suas perguntas embaraçam-me, confundem-me. Balbucio, arquitecto respostas ininteligíveis, adio indefinidamente certos esclarecimentos sobre assuntos de caixa.

— Não há maneira de eu compreender...

Antigamente não ligava importância a coisas que parecem hoje obcecá-lo. Estende o lábio inferior, coça a barbicha, lê todas as cartas, faz-me rosários de perguntas.

— Você precisa que eu ajude.

Tenho-lhe medo. A cada pergunta sua, tremem-me os joelhos.

Entro no escritório e dou com ele curvado sobre os livros, com *dossiers* abertos, os óculos reluzindo sobre uma ruga que lhe sulca a testa, vermelha do esforço de atenção.

— Bons dias. Tão cedo!

— Ando a matutar cá num negócio...

Empalideço, amargurado. «Não há dúvida que ele já sabe.» Penduro o meu chapéu e, calado como um fantasma, nas pontas dos pés, vou ao meu serviço. Isto força-me a sair de casa cada vez mais cedo, semimorto de terror. E ele chega cada vez mais cedo! Sinto que está no fio da meada. Há-de custar-lhe a chegar ao fim. E não tenho coragem para abrir a boca. Se confessar, a minha salvação é talvez ainda possível... Ah, mas ao contrário, o medo transforma-se em ódio. «Bandido! Miserável!» Renasce-me o desejo de o matar pelas costas, assim curvado sobre os livros, inerte, oferecendo-me a nuca...

E depois? Estou doido! Posso eu lá fazer isso!

Um dia, no entanto, em frente dele, tenho uma crisperação irreprímível, homicida. Agarro-me ao tampo duma mesa, como a uma tábua de salvação. A voz dele chega-me de muito longe:

— Que tem você? Que tem você? Está mal? Olhe que palidez! E a suar em bica! Sente-se, homem... Caramba, que cara a sua...

A casa e os móveis dançam à minha roda. A mesa a que me agarro estremece violentamente, e o Nogueira fita-me apavorado:

— Beba um copo de água fresca...

Sento-me e bebo devagar pela sua mão — como um supliciado — a água que me oferece solici-
tamente, com o ar condoído e severo dum pai.
Sou pequeno e humilde, junto dele. «Podia ser
agora... Se eu...» Sacudo as gotas que me es-
correram sobre a gravata e o colete.

— Vá para casa, vá descansar. O senhor não
anda bom de saúde!

Oh, ele é mais cínico do que eu! Sabe de tudo,
sabe que a sua atitude me vai matando lenta-
mente de terror, e não me diz uma palavra.
Quer forçar-me a confessar!

O som breve da sua voz arrefece-me a since-
ridade.

Há dias em que me sinto horrivelmente can-
sado. Se eu o insultasse e fugisse, e não pen-
sasse mais no roubo, na família, no demónio!
Contenho-me. É preciso levar a tortura até ao
fim. Mas quando poderei pagar-lhe o que furtei?
Onde irei buscar forças?

O homem tem dentro de si energias espan-
tosas que desconhece, e é nas horas de luta
que as revela. Se as aplicássemos somente ao
bem...

A invernia passou.

O pequeno vai entrar, finalmente, em conva-
lescença. Na terra e no céu passa um prenúncio
de Primavera. De quando em quando, um gor-
jeio de ave cruza em frente das janelas batidas
pelo sol. O doutor, que chega sempre cedo para
visitar esta florinha entorpecida, antes de ir ver

os doentes adultos, diz-nos sorrindo através da
sua barba paternal:

— Este barquinho está salvo...

A Luísa ouve-o com os olhos túmidos de lágri-
mas, torcendo nervosamente o aventalinho
branco, e fica toda corada.

As noites e os dias correm, então, mais sua-
ves. Um sopro de confiança e reconforto vai
refazer-nos a vida. O sol, pálido e alegre, ri nas
vidraças, e a vozinha tagarela ressurgue da febre,
na luz cor-de-rosa do quarto tranquilo.

— É uma florinha que escapou dum incên-
dio...

A mãe diz-lhe:

— Cala-te, não fales. Olha o «homem do
saco»!

Aconchega-o carinhosamente.

Ele percebe-lhe o embuste e sorri, agradecido.

Quero cobri-lo de beijos. Mas, como quase se
some sob as roupas, mal ousou tocar-lhe, para o
não magoar.

A minha confiança vai renascer. Tudo isto não
passou dum pesadelo. Acabou-se. A minha vida
reconstrói-se. O que é preciso é vontade.

Mas, e o Nogueira? Porque não lhe direi tudo
simplesmente, sem rodeios, com serenidade, pe-
dindo-lhe perdão e o tempo necessário para a
reparação da minha falta? Dir-lhe-ei: «Senhor
Nogueira, eu abusei da confiança que o senhor
depositou em mim... Roubeio-o...» E depois:
«Estou pronto a compensá-lo dos prejuízos...»

Mas este minuto de coragem nunca chega. Em
frente do velho, o meu crime é sempre monstro-

so, indigno, inconfessável. Redobro de esforço, não descanso na reconstrução da nossa vida.

O tempo corre velozmente, é-me quase insensível. Atravessei o turbilhão do Carnaval sem o notar. A bonança foi de pouca dura e, um dia, recomeça a chuva e o vento sopra, com a sua tristeza, nas janelas altas da casa.

— Vamos ter uma Páscoa de mau tempo — diz a Luísa. — Que pena!... Se o tempo melhorasse, talvez o pudéssemos levar para fora...

— Quisera eu!

Cose junto da janela, enquanto o pequenito, cuja convalescença se arrasta desesperadoramente, brinca na cama com bonecos e postais. Olhamos, através das vidraças, a chuva que alaga em rajadas os telhados vizinhos, crepitando, fumegando, impelida pelo vento. A chuva, a ela, enche-a de poesia e de tristeza. Suspende a agulha e põe-se a olhar o filho. Depois segreda-me pressentimentos...

— Se ele não melhora depressa!...

— Bah, que histórias!... Vamos mas é pôr isto a direito! — respondo-lhe. — Imaginas tu que um homem pode passar o seu tempo a matutar nessas tolices? Pressentimentos... histórias?

A pobre julga, naturalmente, que «pôr isto a direito» é apenas refazer a casa quase nua e voltar à suave monotonia de outro tempo! Ah, se ela pudesse imaginar!... Se algum dia lhe dissessem que peso... Mas nunca me fez uma pergunta, nem mesmo sobre a vida sem rumo que levei durante alguns meses.

Ao mesmo tempo que a chuva pegou, entristecendo a cidade, que parece assolapada, pegajosa, sob a intempérie, o Nogueira recomeça de súbito as pesquisas, insiste nas verbas, nos lançamentos, nas facturas, nos documentos de caixa, examina os livros de cheques e o livro de armazém...

Um dia, ao subir para o escritório, cruzo-me na escada com um tipo que não me é desconhecido; paro, volto atrás para me certificar, e quando o homem chega ao patamar, a luz que vem de baixo revela-me: é o empregado que em tempos despedi. Encosto-me à parede para não cair... «Coragem! Coragem! Agora pouco falta.» O Nogueira não me diz uma palavra sobre esta visita. É portanto certo que... Mas porque fala tantas vezes com o moço do armazém? — Recebe cartas que não me dá a ler e a que responde demoradamente; folheia a correspondência. Certas páginas dos livros parecem intrigá-lo: fica a olhá-las, assobiando baixo e batendo no tampo da mesa com os dedos gordos, afogados nos anéis. Não sei o que me esmaga — se o seu, se o meu silêncio. Tudo isto é insupportável. O meu silêncio é uma confissão, a mais clara. Sim, não há remédio: e curvo-me sobre ele, num esforço enorme, para lhe perguntar, quando consigo vencer a minha timidez:

— Tem alguma dúvida? Será engano meu...

— Não, não há nada. É cá uma coisa.

A sua voz tornou-se breve, seca e fria.

Não sei se o sofrimento nos embota a sensibilidade moral. Eu sei que sofro. Mas não posso

explicar como me sujeito a semelhante tormento, a tanta humilhação.

Os dias são todos iguais, e as noites iguais aos dias... O tempo é chumbo fundido que vai escorrendo em fio sobre mim. Já não tento — não posso — mostrar-me, em casa, alegre e confiado. Não acerto uma conta. Tartamudeio, erro os lançamentos. Sou incapaz duma expressão ordenada e clara das ideias. Sabem o que me apetece? Apetece-me outra vez fugir, isolar-me e escrever tudo o que me tortura. Mas vou-me arrastando sem vontade. Sou como um ébrio. Nem mesmo a força que me impeliu ao crime reaparece para me auxiliar. Vou levado na corrente, de braços abertos... Oh, chega a ser bom, quase voluptuoso, em certos momentos, viver assim, no limbo da consciência. Se me apontassem uma pistola ao peito, encolheria os ombros: não desejo viver nem morrer. É curioso que não sinto agora cólera nenhuma contra esse velho que alternadamente me foi simpático e odioso. Ele remexe nos livros, e eu olho-o com indiferença. Parece que perdi os sentidos. Volto a pensar: «Quero lá saber!»

A Luísa diz-me:

— Este ano, a Páscoa veio mais cedo...

Olho o calendário:

— Não sei, parece que sim. Nem sei a quantas ando.

— Mas já estamos na Páscoa, filho!

— A minha cabeça não regula.

Chego ao escritório e o Nogueira diz-me:

— Olhe que este ano fechamos o escritório por uns dias. Desde terça-feira até depois da Páscoa. Mas apareça por cá, se quiser. Temos muito que conversar.

Ele já sabe tudo. Só um cego não veria os erros, as mentiras...

XII

São precisamente dez horas da manhã.

Subo com todo o meu vagar, abro a cancela, a porta, e entro com um sossego perfeito. «Que manhã de sol!», penso. «Seria bom ir passear no campo, estar alegre, abrir na relva uma toalha branca, dispor os copos, os talheres, tirar da canastrinha o frango ainda morno, doirado e gordo, e ver brilhar ao sol o vinho, rubro e translúcido como uma jóia líquida... O pequeno, o pequeno a brincar... — Não corras! — diz-lhe a mãe. — Deixa-o correr. Faz-lhe bem. Sempre metido em casa! — Não quero que ande ao sol... — Dá-lhe o chapéu. Toma o chapéu... Anda, vai brincar, vai correr... Mas não te afastes...»

— Bons dias.

Ah, já nem me lembrava... Em pé ao fundo da casa, de braços cruzados no peito, os olhos contraídos, ele espia-me através dos óculos doi-

rados. Olho-o com interesse: tem a barbicha severamente comprimida sobre a gravata, onde um topázio reluz.

A casa... Por cima das mesas, livros com folhas marcadas, contas, facturas, *dossiers*... O cofre aberto, com o molho das chaves pendente da fechadura... Sim senhor; uma ordem impressionante, o depoimento silencioso das coisas... Sim senhor, muito bem... Acabou tudo? Compreendo. Vamos a isto. Tudo parece olhar-me, interrogar-me, exibindo provas. Oh, filhos, isso para mim...

Finalmente! — Nenhum terror.

Absolutamente nenhum. O meu olhar deve ser de alívio, de libertação. Já não tenho que fingir mais... Quer dizer... Não, o meu olhar confessa tudo. Nada tenho que dizer. Para quê? Os documentos falaram? Melhor, está tudo dito.

Hein? Ele espia-me, está admirável, com um olho quase fechado... É inútil, filho; isto não me comove... Tenho mas é o desejo de fechar os olhos, de adormecer e esquecer tudo... Curvo a cabeça. Ora esta! Ele não diz nada? Está à espera que eu fale?... Tenho os nervos amolecidos. Negar? Como e para quê!...

Mas que sossego! Alguém passa na rua, assobiando. Sigo-lhe mentalmente os passos. Quinta-Feira Santa! Um silêncio mortal pesa sobre nós ambos, nesta casa amarela com o seu rodapé de velhos azulejos. Isto, hoje, tem um ar mais alegre. Este sossego deslassa-me, tenho a impressão de que vou rir idiotamente...

— Hã?

— Sabe muito bem o que isto quer dizer, não é assim? Há muito que eu andava pesquisando... E o senhor bem viu. Mas nem uma palavra! Que cinismo o seu, hein? Eu bem adivinhava, eu lia em si não sei o quê... Qual! «Ele é sério!», dizia com os meus botões. E, afinal, viu-se. Você tem-me roubado, roubou-me para cima de trinta contos, seu ladrão! O senhor é um ladrão, não passa dum gatuno!

Para mim, filho, as palavras... Fico indiferente ao insulto. E depois, rubro, com o sotaque brasileiro, é quase cómico, o Nogueira. O quê, esperas talvez que me ponha de joelhos, a chorar e a pedir-te perdão!... Era bom — era talvez bonito — mas não posso. Não posso! Desconcerta-o a minha fleuma. Ai, agora põe-se a contar-me tudo, os casos evidentes, «verdadeiras confissões por escrito». Como se eu não soubesse. Basta, basta! Deu voltas ao inferno. Ora, adeus! E o meu filho... Que tem ele que ver com isso! A doença, os móveis empenhados... Oh, senhor Nogueira! Não vale a pena exaltar-se dessa forma... Não grite, não grite mais!

— Eu devia ter aqui dois polícias, entende?, para o levarem direito ao calabouço! Mas não o faço! Ainda tenho a generosidade de o poupar... Mas não é por você, ouviu?, é por eles, pela sua mulher, coitada, e pelo seu pequeno. Eu tenho coração... Talvez faça mal; não devia tê-lo para um ladrão que me roubou assim, como um traidor! Você foi um traidor que eu meti na minha casa! Oh, senhores! E não há um castigo do céu! Um homem de quem fui um

amigo, a quem prometi tudo, a quem entreguei a minha vida, para quem fui um pai...

(Podia ser pior, senhor Nogueira, muito pior...)

Custa-lhe a falar, vê-se perfeitamente. E ele que tem vontade de chorar — e eu com ganas de rir!

— Um homem sempre se regenera. Ajudem-no — e queira ele. O senhor não era mau, não era. Isto foi alguém... Ora diga lá: alguém o aconselhou? Responda! Não responde. Que o leve o Diabo. Imagine! (Ri-se com amargura.) Imagine! Depois da sua pouca-vergonha, ainda acredito na regeneração moral! E o senhor? (O seu riso torna-se doloroso.) E o senhor? Que diz a isto? Responda, caramba! Levante-me essa cabeça, tenha ao menos firmeza!...

Que quer ele que eu responda? Nem sequer experimento gratidão. Resmungo e passeia furioso no pequeno espaço.

— A mim, senhores! A mim! Um maroto a quem eu dei a mão, a quem entreguei tudo, com os olhos fechados!... A sua vida... Sim, sim, eu bem percebo... Mas há-de pagar, oh, se há-de...

O que aí vai! Agora insulta-me e mastiga palavras incompreensíveis, com os punhos cerrados atrás das costas, furioso, capaz de me bater, desesperado com a minha atitude — ou com a sua clemência exagerada.

— Não ter pudor! Não se lembrar desses pobres que tem lá em casa!

Os livros não podem esquivar-se aos murros que ele distribui. Levanta-se uma poeira ténue que rebrilha ao sol... O quê? Que é isto? Bater-me?! Ah, isso... Pega-me num braço, sacode-me, pergunta-me como cheguei a esta miséria.

— Quem foi que o induziu? Quem foi, que lhe quero pedir contas?

— Fui eu só, fui eu só, senhor...

(Eu — e o outro. Mas quem pode saber?) Explico-lhe em poucas palavras os meus processos.

Olha-me atónito, abanando a cabeça. Tudo isto é, para ele, inesperado, absurdo.

— Um ano! Dou-lhe um ano para a reparação do seu erro. Dentro de uma semana, as garantias — um fiador idóneo, o que quiser. Nem mais um dia: uma semana. Já sabe, hein, de contrário — cadeia. A vergonha, o tribunal, a desgraça dos seus. Ouvia? O senhor parece que nem ouve. O senhor está mas é doido, doido!

Passeia em mangas de camisa, tropeja, sua, dá pontapés nas cadeiras e nas pernas das mesas. Começo a achá-lo cómico, eu — o ladrão, o miserável! —, que estou para aqui sem um gesto, sem uma defesa nem uma revolta, como um trapo desprezível que se pendura a escorrer, dum prego, ao canto dum saguão.

De repente, não sei como, abre-se-me a boca, e ouço-me a contar-lhe em voz humilde e hesitante, como quem repete uma lição, a doença do meu filho, os sacrifícios que fizemos, os móveis que empenhámos. Digo maquinalmente frases literárias, rebuscadas, que pensei há muito

e julgava ter esquecido. Desconheço-me. Julgava-me incapaz de semelhante estilo, desta voz arrastada e chorosa de bandido vulgar... As minhas palavras devem transpirar cobardia e traição. O Nogueira ouviu-me, a princípio irritado, mas serenando progressivamente. Não, não é implacável. O coração pode nele mais que a vontade. Os lábios tremem-lhe quando lhe falo da pobre criança «que não tem culpa dos meus erros».

Acabei. Estamos sós. A manhã, clara e alegre, anuncia afinal uma Páscoa risonha. Uma calma desusada avoluma o silêncio pascal da rua, enquanto sol doira suavemente o interior da casa, onde cheira a bafio e a sabonete de alcatrão. De novo um silêncio profundo e vivo nos estreita. Ele passeia, passeia, de mãos atrás, assobiando de leve uma valsa que passou de moda há vinte anos. Ouço o tiquetaque familiar do relógio de pêndulo invisível. Afinal nada mudou. A vida estaciona. Apenas o relógio insiste na passagem do tempo... Uma lágrima espreitou-me um instante dos olhos, durante o meu discurso, e recolheu-se arrependida. A própria melopeia das minhas palavras acabou por me tranquilizar. Não há nada triste entre nós dois.

Mas isto é odioso, o meu cinismo, esta indiferença que se apossou de mim! Sinto uma vaga sonolência. Como seria bom dormir... Creio que esboço um sorriso. A minha cara, agora, deve ser horrível, idiota! Sim, sim, aliviei, ora aí es-

tá... No fundo, depois desta tortura solitária, indescritível, sinto-me de bem comigo mesmo. Ah, respiro fundo, que satisfação! É exactamente como se tivesse escapado a um grande perigo. E agora? Não, mas eu quero resistir a esta coisa estúpida; claro que não tenho o direito de me sentir tranquilo.

Não, quero resistir ao bem-estar, à imensa paz que me ameaça num momento tão grave, lutar. Que miserável! O que eu precisava era de uma tortura física medonha. Não, é melhor *ver...* Quero ver a minha desgraça a toda a luz, sofrer, arrepende-me. Remexo a recordação de certas coisas que me torturaram, concentro-me furiosamente no meu crime, insulto-me. Vou mais longe... Evoco o tribunal, a penitenciária, a desonra pública e aparatosa, o degredo, as misérias do corpo... Nada! Nada! Nem um movimento de dor. Tudo isso me é indiferente. O futuro não me interessa. Intimamente, comparo-me a certos amorais, insensíveis através de tudo à desgraça. Vou mais longe ainda: à miséria do meu filho, insultado, pedindo esmola, desgraçadinho de todo, escarnecido... Nada, nada! Tudo isto não passa de um esforço hipócrita, desde a atitude humilde às palavras rebuscadas, às frases feitas — tudo preparado para comover, como num drama. Que miserável! Não penso, discurso-me interiormente. Sou odioso. Encarniço contra mim toda a raiva, toda a cólera, todo o desprezo que posso imaginar. Houve bandidos que mostravam nobreza de alma. Eu não. Sou um canalha digno de todas as

penas. E assisto impassível a semelhante coisa! Nunca pensei no bem dos outros, esta é que é a verdade. O meu desespero, que muitas vezes mascarei de luta interior por um vago ideal, era apenas resultante da minha incapacidade para ser feliz, vencendo e dominando.

Se ao menos tivesse ganho no azar da existência! Mas não. Depois, inutilizei a vida àquela pobre rapariga. Gerei um filho para o desonrar e abandonar. Roubei o homem que pensou em fazer de mim alguém. Desesperos, fome, agonias eternas, desilusão... E nem sequer remorsos sinto! Tenho medo, palavra, da miséria moral a que cheguei. Queria chorar, cair de joelhos, arrepelar-me, gemer, beijar as mãos deste bom velho enérgico e sublime que não me entrega à polícia — e não posso, não posso! (E ainda tenho vontade de rir...) Se o tentasse fazer, é claro, os meus gestos resultariam falsos, estudados. Como cheguei aqui, meu Deus? Porventura, eu, que também sofri, acabei por me tornar insensível à dor?

E enquanto ele passeia reflectindo e a mancha de sol vai escorregando, num silêncio mortal, pelo sobrado limpo e sobre as mesas, sinto fugir no meu íntimo, para um fundo inacessível, as derradeiras sombras do respeito por mim mesmo. O respeito, sim; ou melhor, a confiança de que cada homem precisa para viver. Embora este honrado velho já me tenha dito: «Eu não dou queixa contra você, creio na regeneração dos criminosos...» — ainda que me assegurasse que tudo estava esquecido e me permitisse vol-

tar amanhã para o serviço — nem mesmo assim eu ganharia confiança! Tudo acabou. Antes a cadeia por toda a vida do que esta liberdade insuportável. Bater no meu peito é bater num túmulo. Durante a doença do meu filho, ainda julguei acreditar... Mas agora! Para mim já não há salvação moral. E o Nogueira ainda crê... Sinto que isto não tem cura. Naufraguei em mim mesmo, estou pronto. Nem perdão — nem castigo.

O Nogueira parou. O seu olhar penetrante trespassa-me como os raios X:

— Eu sabia dessa coisa que o seu pequeno teve...

E depois? Hesita. Ai, meu Deus, recomeça o passeio! Então isto não se acaba? E se ele me perdoa? Ainda será pior... Eu tenho que sofrer. Irá ele ver o meu pequeno? Ainda é capaz de... O quê, uma ideia de interesse?!

Curva-se de novo sobre os livros. Parece alheado. Talvez relembre os meus erros, para não se apiedar...

«Porque se espera?», pergunta-me a voz, irónica, insubmissa.

O tempo, agora, é como um fio de azeite. O Nogueira, de óculos na testa, inspeciona os documentos, fungando, mastigando sons de vez em quando. Abana a cabeça afirmativamente, bate na mesa um compasso de marcha...

Está diante de mim:

— Dentro de um mês — vá lá — quero aqui as garantias. E depois é um ano, lembre-se bem: *um ano*. Não se fala mais nisso. É um caso

arrumado. Considere-se despedido. É possível que mais tarde se arranje alguma coisa no Brasil, em Manaus...

O Brasil, aquele sonho... Bem me importa a mim!

Dá-me conselhos, fala-me do filho e do futuro:

— Ah, quem mo dera a mim, um filho! Um filho, senhor, é um compromisso que assumimos sobre o futuro. É preciso honrá-lo. É como um espelho onde se reflectem as nossas manchas... Fique, então, sabendo: é só por causa dele que assim procedo. Se ele não fosse, a estas horas estava o senhor na cadeia.

As palavras roçam-me, não me penetram, tombam. O meu cansaço não tem limites. Dobram-se-me as pernas. Como seria bom deixar-me cair no chão e esquecer tudo! E esta carícia — uma coisa que brilha — que vem não sei donde... e que me atrai... Circunvago os olhos. É isso! O meu coração pulsa fortemente. A faca! Fascina-me a lâmina brilhante e longa duma faca de papel, poisada sobre a mesa. Os meus olhos não a largam. Mil raios vivos, irisados, acariciam-me os olhos; um mundo misterioso, colorido e cintilante, onde eu desejaria penetrar, tornando-me invisível, vibrando como um átomo... Atrai-me aquele pedaço de metal, tão fino, cuja frescura eu gostaria de sentir nas mãos, na testa, no pescoço... Estremeço. A ideia da carícia da lâmina gelada, penetrando devagar na minha carne, rasgando nervos, músculos, artérias, produz em mim um bem-estar dormen-

te, sensual, um repouso quase absoluto. Os meus olhos cerram-se de sono, suavemente, sob o império daquele reflexo vivo. Sorrio-lhe amorosamente. Continuo a vê-la, de olhos fechados. A casa gira com lentidão à minha volta. Oh, como seria bom sentir no sangue a frieza do metal... E aquele brilho... Mil raios coloridos, espiralados, como um turbilhão de luz, dançam no meu crânio...

— ... e pronto. Cumpra agora o seu dever, se é homem e se quer merecer o seu nome de pai. Adeus.

Enfia com dificuldade a mão direita no bolso das calças. É natural. Depois, num passo lento e firme, atravessa o gabinete e a sala de entrada. Sigo-o devagar, sonambulicamente. Põe a mão no ferrolho da porta, e a penumbra estimula-o a dizer-me:

— Todos nós erramos uma vez na vida, pelo menos. A muitos é a vida que os inibe de reparar o mal que praticaram! — Suspira, fita-me e desvia os olhos, muito grave: — Hei-de ir ver o seu pequeno, pobrezinho.

Desferrolha lentamente a velha porta chapeada, verde-escura, abre a cancela e faz-me um gesto. Passo curvado, sem olhar para trás, como quem sai duma prisão — farto daquela cena. A escada é sombria; vem de baixo um cheiro reles, de gatos e de lixo. Para onde vou eu? Desço o primeiro lanço com o chapéu na mão, hesitando, como se alguma coisa me tivesse esquecido; sinto que ele me fita demoradamente pelas costas, de pé no limiar da porta.

— Lembre-se de que hoje é Quinta-Feira Santa... Que tenha uma Páscoa feliz!

O quê? Que diz ele? Foi ele quem falou? Que voz! Ouço fechar a porta com um rumor de ferrolhos antigos. Não tenho a certeza. Fico só. Desço alguns degraus e paro, indeciso. Aquelas palavras... E esta? Parece que me esqueci de alguma coisa. Não posso dizer o quê, mas esqueci. É uma certeza imperiosa. Obedeço-lhe. Curvo a cabeça e torno a subir a escada. «Uma Páscoa feliz... uma Páscoa feliz...» Foi uma ironia? Paro junto da cancela. Porque voltei eu atrás? Que foi o que me esqueceu? É melhor ver. É melhor ver, claro. Pela primeira vez, noto que o cordão da campainha tem vários nós. Puxo por ele com um gesto sereno, firme e determinado. Passos... Lá vem ele. De novo o correr de ferrolhos... Através das ripas da cancela vejo o Nogueira, de olhos espantados que me fitam. Parece de repente mais velho.

— Fui eu que...

— Como? Esqueceu-lhe alguma coisa? Quer falar comigo?

Aceno-lhe que sim. Não há dúvida, esqueci o que quer que fosse. Entro devagar, com o passo inseguro de quem procura saber o que deseja. Começa a produzir-se em mim uma efervescência surda, quase uma irritação, que só posso atribuir àquelas palavras, em que paira não sei que sentido irónico e oculto. O sangue invade-me em torrente o corpo inteiro, como uma chama que me fosse lambendo. Voltamos dentro, ele atrás de mim, em silêncio, passivamente.

Tudo guarda o mesmo aspecto de há pouco. Mas alguma coisa mudou, não sei o quê...

Surpreende-me e enche-me de curiosidade o meu procedimento. Porque voltei eu aqui? E ao mesmo tempo a «voz» dentro de mim insiste: «É impossível que ele te perdoe. Vai daqui entregar-te à prisão.» De súbito, os meus olhos caem sobre a mesa. Tudo o mais se apaga. O «olhar» da lâmina fulgura, fascina-me. Sorrio-lhe. Que lindo cabo de marfim! Inquieto, o Nogueira interroga-me:

— Mas que quer você? Diga lá o que quer!

Coloca-se ao meu lado. A minha mão alonga-se até à mesa... Agarro a faca e, não sei como, o Nogueira e eu estamos frente a frente.

— Que deseja de mim? O que vem a ser isto?

Não sei porque o faço. Tremo. Cerro os olhos — e vejo. Sorrio suavemente... Não sou eu, é um outro quem age... Não sei se lhe digo alguma coisa: mas nunca esquecerei o seu olhar de espanto nem o movimento da cabeça a dizer-me que não... Os meus dedos correm a delgada lâmina da faca. O frio do metal dá-me uma volúpia alegre, penetrante e doce. Os meus dedos seguem pelo gume fora, até à ponta, e tenho a impressão de que eu próprio assim sou — longo, delgado e cortante — todo eu sou um punhal... «É tudo um sonho, eu estou a sonhar, isto é absurdo, absurdo!» Para que reagir? Eu sonho. Uma curiosidade cruel... A ver. É mais um a juntar aos outros pesadelos. Ouço um nome? É possível. Talvez do meu filho, com que o velho me exorta pela última vez. Tudo se apaga. «Uma

Páscoa feliz... uma Páscoa feliz...» Não tenho energia para pensar, nem ele tem tempo de dizer mais nada. Sou mudo, surdo, insensível. A faca e o vulto, nada mais. Deito-lhe a mão esquerda à gola do casaco, e ele segura-me o pulso com as duas mãos, a tremer, cerrando os olhos.

Com a mão direita firo-o rapidamente no pescoço, duas, três vezes — não sei ao certo. O sangue vermelho e vivo gorgoleja, alagando o casaco e a camisa. O velho fica de olhos cerrados, com um suspiro fundo, quase de bem-estar. Larga-me o braço. Não tem uma crisperação. Serenamente, desliza ao longo da parede, até ficar sentado, a cabeça junto do cofre ainda aberto, e uma cascata de sangue a ensopar-lhe a roupa até correr no sobrado limpo e claro, onde se some nos interstícios das tábuas.

Poiso a faca junto dele. Enxugo a uma toalha as mãos que o sangue nem sequer manchou, componho o chapéu, e com uma naturalidade que me surpreende, a calma de quem obedece a um comando irresistível, fecho a porta e a cancela sobre o corpo do Nogueira, sobre o meu passado, e desço vagarosamente. Um silêncio irreal... Que belo tempo! Que sol! Seria bom ir passear no campo, estender os braços doridos na relva ainda fresca e olhar o céu através da folhagem nova dos loureiros e dos choupos! Uma Páscoa feliz... Sinto-me *livre*. Começo a andar. Um véu desce sobre a minha consciência. Que vou eu fazer? Vagueio, não sei por onde, durante muitas horas.

XIII

DURANTE muitas horas. Até que, já tarde, experimento a necessidade imperiosa de ir ver o Nogueira, de lhe explicar demoradamente como abusei da sua confiança. Quero pedir-lhe perdão, agradecer-lhe a sua bondade, as palavras finais, tão comovidas, que não podem sair-me dos ouvidos. Sinto, enfim, aquele remorso que me descobre o fundo humano do meu coração. Julgo-me quase feliz de sofrer, assim, com a ideia do mal que fiz aos outros.

A última recordação... Exactamente. O momento em que *ele* fechou a porta. Depois... Mas eu preciso de lhe falar. A estas horas. Vou procurá-lo a casa, naturalmente. Atravesso a pé toda a cidade, subo às Avenidas Novas. Daqui a pouco anoitece.

O palacete... Hesito. Este aqui? Ou é aquele? Não, enganei-me... Agora. (Tenho a impressão de que saio duma longa embriaguez.) Tudo fe-

chado. É melhor entrar já. Abro o portão, atravesso o jardim, subo quatro degraus e espreito pelos vidros da porta. Atrás de mim ouço um rumor de chuva na folhagem. Bato. No primeiro andar há uma janela aberta. Grito:

— Senhor Nogueira! Senhor Nogueira!

Silêncio. Aparece à janela uma criada velha.

— Ah, é o senhor.

— Sou eu.

— Quer subir? Espere, que eu vou lá abaixo...

— O patrão está?

— Não, ainda não veio. Até estou em cuidado. Costuma chegar muito mais cedo. Mas não esteve com ele no escritório?

— No escritório? Ah, sim, de manhã...

A sua pergunta fez-me empalidecer. Porque não estive eu durante o dia no escritório?

— Boa noite!

A velha pergunta-me qualquer coisa que eu já não quero ouvir, e saio precipitadamente.

O coração estala-me no peito. Volto à Baixa, enquanto as ruas e avenidas vão mergulhando numa sombra azulada. Corro e choro, não sei porquê. Tenho pressa. Pergunto a mim mesmo se é o remorso que me faz chorar. Não sei. Não sei nada! Alguma coisa que se estilhaçou cá dentro — e choro... As lágrimas aliviam, reconfortam, quase dão alegria. Este peso no peito e nas fontes desaparece aos poucos. A minha agitação decresce. Há quanto tempo não chorava assim! Correm-me as lágrimas em fio, e eu orgulho-me delas. Desde pequeno que me habituei a considerar as lágrimas como um sinal

de vergonha e sofrimento. Se eu choro é porque sofro...

Este café... Renovo um gesto que foi quase inconsciente em mim, há muitos anos. Abro o guarda-vento: ainda são os mesmos vidros foscos.

Reunia-me outrora, nesta casa quase sempre cerrada aos olhos indiscretos da rua, a um grupo de rapazes com quem bebia *bocks* loiros. Debaixo destes tectos, entre as paredes pintadas a óleo verde-sujo e os espelhos embaciados e corroídos, a vida pareceu-me sempre estúpida e monótona, mas suportável. Um dia, as mudanças de emprego e o casamento afastaram-me deste ambiente acanhado. Uma vida nova me chamava, e abandonei os modestos companheiros desse tempo. Porventura, algum deles...

Abro. Um ar opaco, fumarento e morno esbate os contornos e as fisionomias. A luz é triste, amarelada. Todas as mesas estão ocupadas. Paira um murmúrio contínuo de conversas que parece coado através duma parede. Uma por uma, olho com esforço as caras inclinadas sobre as mesas: não as conheço. Tilintam copos. Que venho eu fazer aqui? Há quantos anos... Agora sinto-me estranho. O rumor das conversas e a atmosfera baça entontecem. Passeio vagamente os olhos nos tamos de mármore cor-de-rosa, nos espelhos, nas palmeiras artificiais perpetuamente estúpidas e verdes nos seus vasos de faiança colorida. Ninguém repara em mim. Temo e de-

sejo simultaneamente encontrar alguém, um amigo a quem possa dizer... Eu já não tenho amigos. Nunca na verdade os tive. Isso não impede. O que me trouxe aqui foi um desejo absurdo de comunicação. Exacerba-se em mim o contraste entre o desejo e a vontade frouxa.

Abandonado, amarfanhado, em cima desta mesa está um jornal com o ar duma coisa que se esgotou servindo. Letras vermelhas — «*Le Journal... Le Journal...*» Repito embrutecidamente o nome. O meu espírito entorpecido pega na palavra colorida como num brinquedo, e vai fazendo com ela um jogo malabar. As palavras contêm uma oculta, misteriosa emoção que eu exploro. «*Le Journal...*» Não sei que horas são.

Um criado passa por mim dizendo qualquer coisa. Saio. Esmago o meu desejo. Atrás de mim, a porta bate secamente. Fico de novo entre os prédios indiferentes, inexpugnáveis, e a gente que passa. São horas de recolher a casa. Vultos escuros, apressados, e um rumor de passos batendo o chão confusamente. O crepúsculo agoniza... O céu de nuvens baixas, contrastando com as paredes avermelhadas, parece dum azul intenso, artificioso.

«*Le Journal... Le Journal...*»

Este ritmo embala-me. Vou pôr-me a correr de novo as ruas, desolado, sem destino e sem motivo. Se alguém ou um acontecimento inesperado viessem arrancar-me ao meu estúpido marasmo interior!

— É a sorte, meu senhor, a sorte grande!

Dum xaile, um trapo negro, sai a mão duma velha, esquelética, engelhada. As cautelas brancas e amarrotadas dançam, e a voz é sacudida, esfarrapada e sem timbre:

— É a sorte, meu senhor! Compre-me esta cautelinha pela sua saúde...

Esta velha não me chega ao ombro, com a sua farripa de cabelos crespos sobre o rosto indistinto e o nariz comprido. Olho-a com terror. As cautelas tremem-lhe na mão direita, enquanto ela faz esforços para roer uma côdea que leva com a mão esquerda à boca, onde não lhe resta um dente.

— Pelas suas alminhas...

— Deixe-me!

Odeio-a brutalmente, não por ela, mas pela sua humildade — a humildade de todos os fracos, que é a primeira vitória dos fortes. Para que serve isto? Para sofrer... Valia mais acabar-lhe com a vida! A voz embrulhada e suja, que parece feita de soluços, insiste:

— Faça-me esta esmola... Pode ser a sua sorte... Ajude-me a viver!

Olho-a contrariado, de revés, e ela, interpretando mal o meu olhar, avança mais a mão engelhada e trepidante, agarra-me pela manga do casaco com os dedos repelentes como cobras:

— É o 2713!

Estremeço. Diabos a levem! Treze... Odeio o treze, creio na sua maléfica influência. Sacudo aquele contacto enauseante e, sem piedade, quase capaz de lhe bater, grito:

— Vá-se embora, mulher!

Seria capaz de a agredir brutalmente, eu sei lá. A velha afasta-se, a resmungar.

O número, porém, já me não deixa. Fosforesce-me na retina, até ao âmago do cérebro; sobrepõe-se, como um reclamo luminoso no fundo escuro da noite, à imagem do cabeçalho vermelho do jornal. Faço esforços desesperados para o repelir... Não há nada que apague certas imagens, não há pálpebras que cerrem os olhos da imaginação. Os algarismos voltam sempre, dançando, deformando-se, irónicos e vivos... É como se existissem, reais, dentro de mim. Já não tenho forças para lutar. Acabo por não ver mais nada. E submeto-me a esta alucinação grosseira até que eles me deixem, fartos de me supliciar.

Tenho a certeza de que este número significa para mim alguma coisa. Um sinal. A velha... Mas agora reparo, ela era corcunda. Corcunda ou anã... Os algarismos dançam infernalmente. Um suor angustioso humedece-me a testa. Abro os olhos e volto atrás. A velha decerto dobrou a esquina, perdeu-se no escuro e na inquietação dos transeuntes apressados. Encosto-me aqui à parede e espero. Os algarismos dançam. Chega a ser curioso... De súbito, como se o elo que os prendia se houvesse quebrado, pulam separados, loucos, ilógicos, sobem, descem, rodopiam, como um fogo-de-vista... Como isto é curioso e estranho! Agora formam combinações — 7213 — 1273 — 1327 — afastam-se, de novo se aproximam, até que inexplicavelmente se fundem,

se conjugam, rodopiando como bailarinos loucos: «13».

Fica o número 13...

Com este número odioso gravado na retina, ponho-me a andar a toda a pressa. Procuro as ruas mais estreitas, onde há menos luz e o movimento é menor. Na penumbra, avultam carroças de muares enormes e tranquilas roendo o jantar com as cabeças mergulhadas nas alcofas. Junta-se gente nas tabernas, donde sai um rumor grosseiro de vozes e de louças que se entrechocam, e um fumo acre de azeite queimado e peixe frito. Um fumo azul... Olho o céu: é noite fechada e, por cima dos telhados, alastra o clarão sanguíneo das luzes e passa confuso o clangor das buzinas dos autos.

— Perdão, queira desculpar...

Um moço de casaco amarelo esbarra comigo, ao sair duma tabacaria para pôr os taipais. São horas de fechar. Entro e peço um copo de água. Há luz de gás, como noutra tempo. Lembrou-me agora a Baixa vasta e sossegada, que a melancolia verde do gás iluminava, a Baixa da minha infância, com o seu ar tão simples e honesto, limpa e discreta... E sinto saudades. A loja tem o tecto baixo, a armação antiga, de mogno vermelho-escuro. E ao fundo, por detrás dos potes de vidro e de barro fino, assentes numa prancha de mármore branco, um espelho invávido, crivado.

Tranquillizo-me. Afinal, o quer que foi alterou-se na existência. Não fui eu só que mudei.

Isto é doutro tempo. Dormi talvez durante muitos anos...

— Quanto devo?

— Não é nada.

— Muito obrigado.

O quê? Só agora me lembro! Bem me queria parecer que tinha esquecido qualquer coisa... Retine-me aos ouvidos a vozinha doce, desde o fundo do quarto cor-de-rosa, onde paira um ar tépido e aconchegado, de entre as cortinas castas e brancas:

«Paizinho, paizinho! Não se esqueça das minhas amêndoas!»

«Meu filho...»

«Uma Páscoa feliz...»

Uma dor atravessa-me o peito como um dardo. Eu tenho lá coragem! Se fugisse?... (E a morte?) Não posso abandoná-lo assim.

«Paizinho! Paizinho!»

«Meu filho...»

Um beijo. As mãozinhas brancas...

«As tuas mãozinhas estão frias!... Esconde, esconde...» Um sorriso.

Como tudo é branco! O sorriso dele é branco... Flores? Não, não! Isso não! Flores não! (Mas flores...) «Que insistência, meu Deus! Tirem isso daí! Tirem isso... Flores não! Tudo tão branco, senhor! Que impressão... Tens as mãos tão frias... Tapa, tapa... Eu te agasalho, deixa...» (Mas eu deliro, com certeza.)

«E essas luzes, para que são todas essas luzes em pleno dia, senhor? E amarelas! Apaguem isso! Apaguem isso! Eu apago...»

Sopro. Não, impossível: não se apagam. Deliro e sofro.

«Olha para mim! Um beijo, um beijo! *Abre os olhos!*»

Transpiro horrivelmente e estendo as mãos para arredar a visão. Respiro fundo. Isto não é nada, é o pesadelo que me assedia de novo em plena rua, o terror que me volta, mascarado na ilusão.

«E logo havia de ser hoje...»

Hoje — o quê? Não me posso lembrar. Indeciso, apalpo as algibeiras. Que procuro eu? Tenho as mãos enregeladas e o suor trespassa-me a roupa.

«Logo havia de ser hoje...» Mas o quê? *Hoje*. Onde me vem esta ideia de coincidência? Coincidência, mas de quê? Que insuportável angústia! O pequeno está quase bom, livre de perigo. O médico acha que ele pode comer de tudo, e apeterceram-lhe amêndoas. As crianças são assim. É preciso fazer-lhe a vontade. Prometi levar-lhas, mas não pensei mais nisso, durante este dia horroroso. E dinheiro? A vozinha fresca e doce não me sai dos ouvidos: «Paizinho, paizinho! Não se esqueça!» Vibra-me até dentro da alma, como uma luz sonora e suave — a única coisa que me resta —, uma luz pálida que erra à superfície dum mar deserto e ameaçador... Que escuridão, meu Deus! A noite asfixia, extingue as luzes... Tenho um calafrio... Lá vêm, lá vêm os corvos outra vez rasgar-me a pele... Outra vez o naufrágio? Oh, é de mais. Isto é mentira! Arquejo, abandonado... À roda de mim

um sorvedoiro de água, imenso, atroador, gira vertiginosamente. A água oleosa reluz, picada aqui e além de pirilampos ou fogos-fátuos. Afundo-me. Socorro! Socorro! Através da massa de água, chega-me aos ouvidos aquela voz amada e ténue. Um fundo de calma em tudo isto... Ah, é bom deixar-me assim levar, para o fundo, para o fundo... Luísa, o teu sorriso! Eu sorrio também. Vejo-te agora! És bonita e os teus olhos têm uma luz de violetas no crepúsculo. E ele? Estendo-vos os braços. São vocês... Isto é bom. Oh, que vertigem... Talvez a morte!

Uma cara curvada sobre mim, dois olhos negros cuja fixidez me aterra, e um bigode. Cerro os olhos e torno a abri-los. Tenho a cara, o pescoço e o colarinho molhados. Duas mãos sacodem-me pelos ombros. Vejo brilhar uma coisa branca... Um botão. É um botão de metal. Outro e outro. Abro completamente as pálpebras, que me pesam, e reparo que é um polícia. Circunvago os olhos. Estou deitado por terra, no meio dum grupo — só pernas e caras atentas.

A língua pesa-me horriavelmente.

— Responda! Está melhor? Ouve o que eu lhe digo?

Gemo, embora nada me doa, e aceno que sim.

— Veja lá se pode pôr-se em pé...

Percebo confusamente que sou alvo duma curiosidade infame, e faço um esforço enorme. Muitos braços se estendem para me ajudar, e levanto-me.

— Ele tem-se em pé?

— Ajudem-no daí.

— Sabe ir para casa? Veja lá...

— Olha a cara dele, coitado.

— Parece que não está no seu juízo.

— Não preciso de ajuda!

— Ele tem é vinho a mais...

— Que olhos! Metem medo!

— Se calhar é fome. Dêem-lhe alguma coisa de comer.

— Deixem passar, vá! Fazem favor de dispersar.

Um movimento enorme, que me estonteia, estabelece-se à minha volta. Que tive eu? De repente compreendo tudo, e a vergonha queima-me o rosto; sinto-me sumir no chão, mas uma energia inesperada desentorpece-me as pernas e, num movimento brusco, rompo a muralha de curiosos que me rodeiam. Fujo a correr, envergonhado e aterrado, ouvindo atrás de mim um rumor de comentários e de gargalhadas, dobro a primeira esquina e só paro muito longe, numa rua qualquer onde o movimento é quase nulo.

Eu tenho febre, delirei. Desde manhã que não como, e perdi os sentidos. Foi o que foi. Mas agora estou senhor de mim. Graças a Deus!

Que é? Ouço música... Tem graça! Apetece-me ouvir. Alguns homens estão parados à porta duma loja. Como fico na sombra, ninguém repara em mim, e espreito lá para dentro, por baixo dum braço apoiado à ombreira da porta. É um bazar onde se vende de tudo — bugigan-

gas e postais, livros e brinquedos, guloseimas. Como é tempo de festa, o dono instalou no balcão, sobre uma pilha de caixas, um velho gramofone que abre para a porta uma goela avermelhada, com estrias brancas, como uma grande flor exótica, absurda. Para além, na sombra, o lojista espreita os fregueses.

E ali fico a escutar, feito pató.

Um som áspero e rouco sai daquela flor. Bem sei: é um fado antigo, marialva, que ressurgue num andamento de galope. Uma mulher canta, mas não se percebem as palavras que diz. Ouve-se o martelar confuso do acompanhamento num piano aguitarrado, que as mãos dum louco tocam. Conheço-o bem, este fadinho. O que isto me faz lembrar! Sinto a vida correr velozmente para longe, e uma dor, um remorso inexplicável. O fio dos meus pensamentos parte-se de novo e, quando volto a mim, calou-se a voz. O grupo dispersou. Dois homens conversam baixo, ao pé de mim, fumando, e cospem no empedrado do passeio.

Recomeço a vaguear.

«Paizinho, paizinho! Não se esqueça!»

Que hei-de eu fazer? Sinto que a vida me vai abandonar. Se me dá outra coisa e digo tudo? Reajo. Não quero ser olhado com piedade. Isso não! Paro. As luzes formam linhas sinuosas nos passeios desertos. Dou balanço às algibeiras e reúno alguns tostões. Não chega para nada. Como vai ser isto? Abotoo o paletó e ponho-me a andar depressa, cheio de temores.

Se amanhã... Mas a voz não me deixa, murmura nos meus ouvidos, tão próxima, tão viva, que sinto um hálito tépido, quase um roçar de lábios numa orelha... «Paizinho... Paizinho...» Que vai ser de mim! Não posso mais, não posso. Como hei-de eu tornar a vê-lo, se já não sei ser alegre? E que dizer-lhe, a ela?

Deito a correr ao acaso nas ruas molhadas de chuva, e, de repente, dou comigo em frente do escritório, ao Cais da Areia. Estou doido: a esta hora! Está tudo deserto. Não compreendo nada. E, nisto, a imagem duma gota de sangue, que atravessa qualquer coisa e cai, faz-me estremecer de frio.

Volto à Baixa. As amêndoas! Mas o dinheiro? O dinheiro? Não hei-de ir roubá-lo! Mordo angustiosamente os dedos. Onde está a coragem que eu tive?...

O rio. A ideia de me ir deitar ao Tejo cor de tinta, que corre ali a pouca distância, calado, ameaçador, dá-me vertigens voluptuosas. A quem hei-de eu ir pedir! Sinto bem até que ponto estou só na vida, na solidão que voluntária, gostosamente edifiquei.

É tarde, a Luísa há-de estranhar esta demora. O pequeno adormeceu já, com certeza, depois de ter perguntado muitas vezes em vão: «E o paizinho, não vem?»

Não poder eu ao menos acabar com isto!

Remexo nos bolsos do colete, e descubro a caneta, o único bem que me resta além da roupa do corpo. Mas espera! O coração bate-me de

alegria. Volto ao café de há pouco, e faço a proposta a um criado:

— O senhor não me conhece, já lá vão muitos anos... O Bento, sim. Ele não está cá?

Olha-me desconfiado:

— Não há cá Bento nenhum. Pode ser que o gerente...

Este vem, ar céptico, experimenta o aparato: escreve bem. Não tem uso quase nenhum.

— Foi um caso urgente, é só até amanhã, dez ou quinze escudos...

— Sim senhor... Eu tenho uma ideia, a sua cara não me é estranha.

Agarro o dinheiro e saio como um louco. Algumas lojas fecham. Entro numa a correr e peço amêndoas finas:

— Quero das melhores, olhe que são para um doentinho!...

Meto na algibeira o troco, sem contar. Mas que alegria, meu Deus! Não penso noutra coisa: vê-lo sorrir é o meu único desejo. Quem sabe se depois terei coragem?... Vou ansioso e contente. A casa fica lá tão longe! Salto para um eléctrico que vai com um vagar desesperador. Uma carroça atravessada na linha, em frente do carro, decide-me a pular para a calçada. É melhor ir a pé. Irei a correr — o movimento acalma os nervos. Com a boca aberta e o coração desvairado, corro ao longo das avenidas, como se os lobos me perseguissem. Os meus pés mal tocam no empedrado. Sou a projecção do meu desejo. Não vejo quem passa por mim, esbarro, não sei se derrubo alguém. É o instinto do perigo

iminente que me leva. Mas Lisboa parece interminável «Meu pai, meu paizinho...»

Dobro a última esquina...

Estaco. Uma angústia horrível esmaga-me o coração, como se alguém mo segurasse, fendendo-me o tronco pelas costas. A minha vida neste instante é um esforço decisivo. Olho a casa de longe: tudo escuro. É tarde. Porque parei? E porque tenho tanta pressa? Entro e galgo a escada estreita. Maquinalmente, como sempre, vou contando os degraus, os lanços — «primeiro... segundo...» — e respiro alto, como um cão esfalfado.

«Terceiro!» — Só mais um andar e...

Mas nisto o meu pé não se firma, o corrimão foge-me, escorrego para baixo — é um relance — e caio desamparadamente contra os ferros da balaustrada, deslizando de bruços nos degraus. O pequeno cartucho escapa-me da mão, e o peso do meu corpo esmaga-o na queda, contra a grade... Fico estendido um instante e, enquanto procuro apoiar-me e levantar-me, atordoado, ouço pela escada abaixo um crepitar de amêndoas.

Um rumor de vozes, de passos, na casa dum vizinho. Ponho-me de pé. O meu desejo seria lançar-me de cabeça para baixo no poço negro da escada. A minha dor é tão grande que dou punhadas no rosto e mordo os dedos, sem poder gritar nem chorar. O pequeno sonho... «Paizinho, não se esqueça...» Sufoco de raiva, gemo surdamente. Tento acender fósforos, não sei para quê, mas o tremor das mãos não mo con-

sente. Encosto-me à parede e baixinho, desalentado, peço-lhe perdão: «Meu filho, meu filhinho...» As lágrimas correm-me em fio.

Mas que é? Estremeço. Alguma coisa roça por mim. Sinto nitidamente que duas mãozinhas me acariciam com meiguice o rosto... Uma voz próxima e distante, doce e triste, diz-me aos ouvidos:

«Paizinho, deixa, não te importes...»

O quê? Não pode ser! Meu Deus, que significa isto? Eu estou doido? Um momento de espanto doloroso. Os arrepios correm-me a pele como descargas eléctricas. Um poder sobrenatural permite que eu me transcenda... Tudo isto é rápido. Ouço vozes, um murmúrio confuso de passos, soluços e gemidos... No mesmo instante, toda a memória do meu dia se desenrola em mim, e vejo o meu crime. Alguma coisa me vai esmagar — agora... Espero... É agora! *Um grito.* Foi lá em cima. Um grito estrídulo e agudo rompe, varando as trevas duma luz estranha, um grito dilacerado, que sobe como o jactodum repuxo, e logo decresce devagar, desfeito, quebrado, soluçado, como a água que tomba repartida em gotas. Depois, um estertor enrouquecido. Alguém desmaia... Reconheço aquela voz que nunca ouvi gritar: é ela! Compreendo. Já não tenho que fazer lá em cima. Tudo é duma espantosa evidência.

O Nogueira... Bem, acabou-se. É extraordinária a minha serenidade diante da catástrofe. Antes que se abram portas, é melhor descer.

Parece que nem me sinto. Nunca mais voltarei a subir esta escada.

Desço aos tropeções, entre a gente que acorreu com luzes aos patamares e me olha em silêncio. Alguma coisa estala debaixo dos meus pés. Saio à rua e respiro fundo. Ponho-me a caminhar sem destino, sem lágrimas, sem dor, como se realmente já tivesse morrido e conservasse por milagre a consciência fria do que se passa à minha volta. Neste momento não desejo nada. Nem morrer.

Não voltei mais a casa.

Não me lembro senão disto: alguns dias depois fui preso numa estrada, a caminho de Mafra, seminu, esfomeado, sem opor resistência.

O resto já o doutor o sabe.

Não me pergunte mais nada, foi exactamente assim que tudo se passou — nem podia ser de outra maneira, embora eu próprio duvide algumas vezes, e o senhor possa julgar que eu não passo dum pobre alucinado.

NOTA DO AUTOR

(À SEGUNDA EDIÇÃO)

Esta edição definitiva da Páscoa Feliz sugere-me algumas considerações. Antes de mais, desejo registar aqui, com enternecida gratidão, que, durante a minha longa ausência, o poeta Luís de Montalvor tinha carinhosamente conspirado com Maria Keil e Manuel Mendes uma segunda edição, ilustrada, que chegou a estar inteiramente composta e revista, em 1947, mas que, por motivos que desconheço, nunca foi publicada. Nela se teriam incluído algumas outras novelas curtas do período que, pedantemente, eu chamava «nocturno». Dizia eu em nota final:

«Por vezes, ao rever estas histórias, assaltou-me a impressão de estar editando os papéis dum querido amigo que houvesse desaparecido antes de nos dizer a sua mensagem definitiva. Com efeito, diante da vigorosa objectividade que

hoje caracteriza a literatura de ficção em Portugal, o autor não pode deixar de sentir-se apagado e humilde.» Não tenho que alterar uma vírgula neste juízo um tanto severo de mim mesmo. Ainda me sinto com frequência como um homem que corre atrás do comboio que perdeu.

A ideia original da Páscoa, se tal houve, deve ter-me surgido entre 1924 e 1926, como reacção contra a tendência polémica e ultra-realista que então por vezes me dominava superficialmente. Como foi ela concebida e executada? Como muito do que escrevi (com a excepção do Idealista no Mundo Real*) até para além dos trinta anos: sem plano, sem ideias preconcebidas, sem saber aonde ia, abandonando-me ao «transe» e ao sabor da fantasia. Como certo escritor, eu podia dizer então: «Quem escreve não sou eu, é a minha pena.» Trabalhei nela alguns anos com fervor, mas sem pressa (nunca tive pressa de nada) e talvez mesmo sem esperança. Nem sequer a dúvida me atormentava: sentia-me seguro dos meus modestos recursos. Também me não apouquentava o seu destino. Como um actor que representasse num teatro às escuras, eu sentia a presença do público invisível. (E não terá a solidão do escritório, com a nudez da folha de papel em frente de nós, alguma coisa da insularidade do confessorário?)

* Publicado em folhetins na *Seara Nova* desde Janeiro de 1964, foi a dada altura suspenso pela Censura prévia. (Nota da 4.^a edição.)

Fácil e torrencial na expressão, raras vezes me detenho a procurar uma palavra: mas fui sempre lento e laborioso na composição e acabamento. Em 1927, um colega e amigo, vendo-me curvado sobre esta novela, disse-me um dia com cordial rancor: «Sofre, desgraçado!» Na realidade, contra o que queria o bom amigo e mau psicólogo, eu não sofria: gozava. Era, como hoje, o gozo íntimo, fecundo e proibido, de criar com amor e com métier, ainda que para tal eu tivesse de «torcer todos os pescoços do destino», inclusive a felicidade pessoal, como escrupulosamente tenho feito.

Escrevi-a assim toda umas sete vezes. Alguns capítulos talvez dez. Sem nada lhe tirar de essencial, cilindrei-a, desidratei-a, até lhe ter espremido e catado, quanto possível, todo o «desnecessário que inça tantas inúteis páginas de ficção. Reduzi-a a metade. Assim trato sempre as minhas histórias, algumas das quais a Lúcia-Miguel Pereira e a Casais Monteiro pareceram romances condensados. (Alguns leitores diziam-me depois que lhes fora impossível interromper a leitura, uma vez iniciada: eram duas a três horas de corpo a corpo com a ficção.)

Acabado o manuscrito, em papel almaço de trita e cinco linhas, andei com ele algum tempo sem saber o que fazer. Onde estavam então os editores que hoje, por bem da nossa glória literária, pululam em Portugal? Chianca de Garcia leu-a e propôs-se publicá-la: mas a editorial a que estava ligado desapareceu, e com ela a esperança do prémio que ele me profetizava. Li-a

mais tarde a Câmara Reys, que deu à estampa, na Seara Nova, o segundo capítulo. Mas a novela continuou inédita.

Até que um próspero sindicato operário condescendeu em editá-la: na Páscoa de 1932, com uma ortografia atrabiliária, impressa em mau papel, e com o único chamariz da capa de Fred Kradolfer. Não se fizeram anúncios, não houve radiopropaganda, nem dei entrevistas aos jornais. O preço (popular) era de seis escudos, e a tiragem, de três mil exemplares, escoou-se lentamente: o êxito intelectual não parece de bom augúrio! Não pedi nem cobrei direitos de autor: o sacrifício era de regra para o escritor «interveniente», ainda que nas veias lhe corresse, exclusivamente, o sangue de pedreiros, carpinteiros, oleiros e labregos.

Com excepção da Presença, que a tratou com juvenil severidade pela mão do meu amigo Albano Nogueira, a crítica foi pródiga com a Páscoa. O Dr. João de Barros saudou-a como «estreia vitoriosa». O jornalista David Carvalho viu nela, generosamente, um romance «proletário». Casais Monteiro (em carta, do Porto) acentou e aplaudiu a nota de angústia. Hernâni Cidade chamou-lhe «a mais notável revelação de romancista da nova geração». Para o jornal O Raio, da Covilhã, eu era «racionalista», e a minha arte «social». Assim disse também Julião Quintinha. Ao contrário, José Osório de Oliveira achou que eu não trouxera para este livro as minhas «preocupações políticas e sociais». Todos insistiam na «psicologia». Falou-se, era inevitá-

vel, dos russos, e alguém mencionou Korolenko — que eu não lera.

A verdade é que, psicologia a mais, angústia a menos, o «Renato» desta novela é apenas o subproduto duma fauna provinciana que em Lisboa desagua, se dissolve e perece: o pai, braçal, morre asfixiado no fundo dum tanque de cerveja; a mãe submissa põe brilho nos altos colarinhos de ver a Deus e a el-rei dum Excelentíssimo Senhor Doutor Conselheiro, à Rua do Salitre; e ele próprio, órfão recolhido por caridade, é sucessivamente margano, caixeiro e empregado de escritório.

Necessariamente obscura, porque narrada pelo protagonista psicopata, a Páscoa é a história dum esquizofrénico paranóide encerrado em si mesmo, isolado do mundo (mas não alheio a ele), vivendo na e da sua própria fantasia, como protesto, se o querem, contra a miséria, a humilhação, a hostilidade que, desde cedo, fizeram dele o «Pata-Choca». Haja o que houver de verdade nos seus delírios de acção, posse e gozo ou agressão, ele identifica-se com um herói de folhetim, para negar a sua própria fraqueza ou impotência, e exprime um desejo de reivindicação. No manicómio («Sinto-me bem nesta cadeia», diz ele) declara ter encontrado enfim o Eu, «que a presença dos outros dissipa e confunde»; e através da culpa, que é o preço dessa libertação pelo confinamento e a irresponsabilidade, afirma, a justificar-se: «Sou o homem que obedeceu...» Para alcançar essa «paz» da confiança em si mesmo e da reconciliação com a sua miséria,

cria-se uma vida falsa e presta-se a sofrer, inclusive, a perda do filho, único orgulho da sua pobre existência. Demasiado débil para lutar, vencer, vingarse de opressões, refugia-se no delírio gratificante do crime. O que eu, escuso de acentuá-lo, categoricamente repudio. Sou todo a favor das soluções reais, construtivas, humanas; e contra qualquer forma de libertação ou retribuição que descentre o indivíduo do seu complexo social. Mas isto não podia ele dizê-lo sem prejudicar a trama e o fio da novela, sem a transformar num mero panfleto, sem cair em absurdas contradições. A sua verdade é a da loucura.

Não há nisto, que eu saiba, rigorosamente falando, um «problema de consciência»; nada de místico, religioso ou transcendente.

Ao tempo, nós começávamos tardiamente, em Portugal, a dar-nos conta da existência dos naturalistas russos do século passado. O «mistério da alma eslava», fruto muitas vezes de imperfeitas versões francesas ou da necessidade em que os autores se viam de exprimir-se em meandros para evadir os rigores da censura czarista, era tomado como axioma, e dispensava-nos de conhecer o terreno que produzira esse naturalismo e a língua que o corporizava. Daí que tudo o que parecesse obscuro, nocturno, angustioso, místico, irracional, polivalente, tinha por força de ser «russo». Não haveria, então, fora da Rússia, problemas de consciência, piedade, ambivalências, misticismo, obscuridades de alma?

Com o nosso hábito das fáceis generalizações e das classificações comparativas (somos padres-

-mestres em tudo, mesmo quando virados do avesso), nunca hesitamos em situar um escritor num quadro feito, em etiquetá-lo como a um bicho empalhado de museu de história natural. Eu teria de ser criptogâmico ou angiospérmico, celenterado ou coleóptero. De outro modo, não estaria dentro da lógica, seria absurdo, inesperado, inquietante. Não se admite que seja eu mesmo, tenho que ser — tenho até que escolher entre ser — russo ou queirosiano, romântico ou realista. Não posso ser outra coisa, e esta fatalidade persegue-me. É como se partíssemos da premissa de que em Portugal não pode haver um escritor nem uma ideia original — tudo são escolhas ou modas importadas!

É tal o hábito, entre nós, do copiar e do plágio, a desconfiança no trabalho criador, que — embora empenhados em pregar a inconfundível originalidade do Português — não fazemos na realidade senão demonstrar a cada passo, com gosto e acinte, a sua perfeita incapacidade criadora. E sufocá-la. Se dum lado elogiamos os Estrangeirados, como veículos e agentes de civilização, por outro, se alguém se deixa, por desespero ou amor da perfeição, estrangeirar um pouco, caem-lhe todos em cima — aqui d'el-rei que ele não é dos nossos, não é de cá, é um desadaptado ou está vendido à estrangeira. Quando apareceu «A Mancha Não Se Apaga» houve quem me dissesse: «Parece uma daquelas coisas que se publicam lá fora.» E da Aventura Inquietante (1934) um leitor comentou: «Isto é Georges Simenon!»

Mas eu não era mais russo, mais cosmopolita, mais eu, em suma, na Páscoa ou nas histórias nocturnas, do que o sou na «Genciana», na «Linha Invisível», na «Beleza Orgulhosa», no «Regresso à Cúpula da Pena» ou no «Morgado de Pedra-Má»; ou no que, ao depois, se irá lendo. Para os obcecados da estranja, que só a vêem como representação, através dos livros, e que nunca por lá se fixaram para aprender pela experiência, madre das cousas, que o mundo humano é uma realidade contínua no espaço e no tempo, e unidade na diversidade — eu teria de ser russo ou americano, mas não posso ser português sem cair na «lama do Rossio», do Eça, ou no «pavé da Avenida», de João Chagas. Se, tendo morado muitos anos em Nova York, não sou Faulkner nem Steinbeck, e desisti de ser russo (sem nunca ter ido à Rússia), é preciso encontrar-me outra etiqueta, fazer-me entrar noutra família, género ou espécie zoológica. De contrário não existo.

Parece, por outra parte, que não sou neo-realista, nem humano nem nacionalista, nem moderno nem antigo. Não sou nada. Não satisfaço nenhum standard ou padrão, nenhuma ideia esquemática e preconcebida dos sabichões desta Alameda Tavirense dilatada às dimensões nacionais e às pretensões universalistas. É talvez porque sou eu, sou diferente, sou outro, não me confundo? Afinal de contas, pessoal?

Se o meu neo-realismo, onde existe, não é dos que se metem pelos olhos dentro, dos que satisfazem à vista desarmada os catalogadores e agrimensores da literatura e da vida — como se fos-

sem as categorias e classificações que fazem a realidade, e não o contrário; e como se a substância importasse menos do que as fórmulas e receitas, e a convicção e a acção menos do que a profissão de fé — pergunto eu se não será preferível que eu dê uma nota destoante, e permaneça fiel à minha maneira, sincero, espontâneo e laborioso, variado na minha unidade essencial? Idêntico a mim mesmo, poliédrico se querem, aberto a todos os ventos que por mim rocem, mas, apesar de tudo, com este ar de família, apto a traduzir o que, à falta de melhor termo, chamamos a sensibilidade portuguesa? Esta, pelo menos, parece ser inegável.

A verdade é que todos reconhecem que sou português: ou porque sou cosmopolita («raça de corações partidos pelo mundo...»), ou porque pinto com as cores que me ministra o amor e a dor de ser de cá. O poeta Carlos Queirós, que leu a Páscoa por conta-gotas e se confessava empolgado, dizia-me: «Era capaz de reconhecer os bairros de Lisboa, com os olhos vendados, só pelos cheiros da sua novela!» Ele não teria decerto confundido a Avenida da Dona Genciana, aonde chegava de longe o eco dos tiros, com a Avenida da Liberdade, donde eles partiam. Mas isto é um pormenor de somenos importância quando nos preocupamos com dogmas, chavetas e etiquetas, e não com a substância e a vida. Há sempre alguma coisa que escapa às classificações e generalizações, mesmo quando não sejam apressadas, improvisadas ou impressionistas.

Sim, a Páscoa é um livro nosso, português, alfacinha, de cá. Sobretudo pelas deficiências. Não tem a amplitude, a profundidade de análise, a força de caracterização e estruturação, nem a transcendência satírica dos naturalistas russos — oxalá tivesse. E quem é que as tem cá? Prata da casa, como tudo o mais. E como hão-de ser russos, americanos, ingleses ou franceses os escritores dum país cuja Inteligência, mal-grado tantos esforços e uma nutrição cosmopolita, teima em ficar confinada entre o Choupal e o Chiado? Mas já alguém visionou um Proust, um Steinbeck ou um Chólokhov ali no Chiado, a discutir as novidades literárias? E se, por milagre, isso acontecesse, correríamos todos, de Barcelos a Moura, a suprimi-los. Quanto a sermos diferentes uns dos outros, olhem, não mais, para a galeria dos escritores franceses da primeira metade deste século, e digam-me se há ali dois parecidos. E como todos eram franceses!

Até hoje só escrevi as histórias cujo tema, ambiente, situações e caracteres têm apelado para o meu temperamento: polémico e pedagógico, ou apiedado e solidário. Assim sou eu. Eu é a minha adesão orgânica a certas realidades, a minha consubstanciação com o Outro, o meu riso e as minhas lágrimas, a minha dialéctica Sujeito-Objecto. E assim continuarei a ser por todos os meios ao meu alcance.

De todas as leituras, de todas as experiências pessoais, da estruturação mesma dum carácter,

da posição e reacções do escritor ao seu meio e à época, à mentalidade e aos costumes — de tudo isso, quem poderia exumar, destringar e definir as influências que actuam numa obra?

Era menino quando li uma noveleta de Tolstói, Kátia, que me impressionou perduravelmente pela serena e límpida profundidade dos sentimentos que a informam. Não tornei a ler nenhum russo até cerca dos vinte anos (a não ser talvez algum Gorki, em traduções de terceira mão). Entretanto, desde a Enciclopédia das Famílias, livros de aventuras, novelas policiais, folhetins, pornografia, brochuras francesas de quiosque, Campos Júnior — enfim, todo o lixo que entulha e nutre a insaciável curiosidade e sede de vida, aventuras e acção da infância e puberdade — quanto mais não li eu, que esqueci! Cedo devorei as Mil e Uma Noites, que, a par da imaginação narrativa de minha mãe, iriam afeiçoar-me para sempre.*

Aos onze ou doze anos, deitado no chão, de cotovelos nas tábuas e as mãos no queixo, eu lia e relia Os Miseráveis, num imenso volume ilustrado, e derramava lágrimas sentidas sobre a sorte de Jean Valjean e de Fantina, que «era bela sem o saber». Fui depois, como toda a gente, leitor sófrego e apaixonado de Camilo. Menos, de Herculano e Garrett e Júlio Dinis. Só muito mais tarde descobri o Eça: e com reticências. Aquilino ainda mais tarde. Sei que ao

* Colecção Económica (100 réis), da Parceria A. M. Pereira.

tempo me apaixonava a História, lia e comentava a Bíblia, devorava grossos calhamaços sobre as Religiões. Defendia o Naturalismo contra o Romantismo, e este contra os Arcades (que eu pronunciava arcades). Dumas-pai passou por mim como a água efémera do encurro numa ravina. Detestei A Dama das Camélias e os sentimentalistas (mas li-os) como aborrecia as falsificações arquitectónicas: de instinto. Era estúpido, sonhador e abúlico. Não jogava o xadrez nem mesmo o burro. Como o Repórter-X, meu coevo e meu sénior, cheguei a apanhar zero em Português: sempre a história do Patinho Feio! Na aula geral do Colégio Francês compunha histórias de aventuras para os colegas, que me forneciam o papel. Já no liceu, um amigo querido (cruel como só os amigos verdadeiros) dizia com desdém, quando eu lhe confessava as minhas aspirações: «Escritor! Isso não é carreira...» Como ele tinha razão! A tudo isso escapei, e a muito pior.

Em jornais escolares, para as famílias, ensaiei-me na reportagem humorística dos meus desaires. Chegámos a organizar uma «academia», e discorri sobre Arte Grega. Aos quinze anos, mandei à Capital a minha primeira história, uma coisa mística que nada tinha em comum com a realidade da minha vida nem com a política do vespertino.

Comprei-o religiosamente dias seguidos, com crescente inquietação: o que não teriam rido à minha custa os redactores! Caía-me a cara, de vergonha. E uma noite o conto apareceu na

íntegra, sem um comentário. Onde guardarei eu essa primeira transgressão?

Tinha sonhado a carreira naval e a medicina, mas enveredei pelas Letras (que eram «tretas») e aceitei o Direito como mal menor, ou tangente do menor esforço. Fui, é claro, um estudante distinto, uma das esperanças do meu curso.

O jornalismo atraía-me e apaixonava-me. Sentia-me nascido para ele. Aos vinte anos (1922), estreei-me na República com uma série de crónicas sob o título geral de Poeira da Rua. Ribeiro de Carvalho saudou-me com o habitual calor. Houve leitores que me imaginaram homem de barbas compridas, calvo, de meia-idade: Dostoievski, em suma. Fiz desenhos para um ilustrado do Século e para a edição nocturna do Diário de Notícias, de efémera existência. Iniciei-me na Seara Nova com «Milagre de Joane», um conto de feição mística, em que, sem o saber, plagiei o Padre Manuel Bernardes, disse-mo António Sérgio caridosamente. Seguiu-se-lhe «Noite Infinita», já mais inclinado à piedade. Passado tempo, encetei as Reflexões Dum Burguês, que ainda hoje me perseguem, e artigos de reforma. E fiz discursos, está visto. A veia satírica e política começava a concorrer com a minha tendência nocturna e pietista da Poeira da Rua. Por esse tempo, o meu sectarismo e o idealismo da Seara Nova, com o seu contágio de isenção e sacrifício, cortaram-me os voos profissionais: um incidente — a greve dos jornais — matou de uma cajadada o Notícias da noite e os meus sonhos de «galeriano da Imprensa».

As crónicas da República (tudo ali me lembrava Raul Brandão, que por lá passara) eram talhadas em pleno material do mestre da Farsa. A sua sensibilidade luarenta e espectral coincidia visceralmente com o meu modo de ser. Lisboaeta, e como tal um perpétuo exilado entre os provincianos que de há séculos comandam a «desordem endémica» da capital — sim, são eles, os provincianos, que a fizeram sempre, ó caluniado povo de Lisboa! —, boémio, tímido e divagante, risonho e sonhador, eu não podia deixar de me apaixonar pelo mágico pintor do Gebo e do Gabiru, cuja paleta alucinada me segredava mistérios novos da expressão. O seu génio burlesco e a sua prodigiosa mistificação mostravam-me como a linguagem, mesmo pobre, se desdobra e renova; que ela não é feita dum embrechado de palavras e frases, nem de exercícios gramaticais, estilísticos e lexicológicos; antes, como a pintura, vive do sentimento e da personalidade que a instruem, da composição, da justaposição de cores, e dos efeitos; e que a maneira de narrar é que faz a virtude da narração. A frieza caricatural do Eça repelia-me, e Aquilino (que me deslumbrou) intimidava-me com a riqueza soalhenta e vigorosa da sua experiência e do seu vocabulário, para mim inatingíveis. O próprio Fialho, ao lado de Raul Brandão, me parecia rocaille. Para mim, Raul reatava a tradição camiliana no plano do impressionismo social.

Uma admiração silenciosa eclipsou tudo o mais. Quando o conheci pessoalmente, na Seara

e na Biblioteca Nacional, o meu fervor tornou-se adoração. Daí, que a minha primeira fase fosse de franca e desabusada imitação — melhor seria dizer de impregnação. Se alguma influência a Páscoa revela, é a dele: com todas as distâncias dum estilo mágico e incoercível ao estilo ainda tateante e sincopado duma primeira novela «moderna», que, apesar de tudo, se queria diferente. Um dia, Teixeira de Pascoais, a quem a ofereci, disse-me no Chiado: «Sim senhor. Morreu-nos um Raul Brandão, já temos outro!» Este comentário generoso e limitativo deixou-me confuso de gratidão.

Luís de Montalvor achava em mim um eco do seu querido Sá-Carneiro, da Confissão de Lúcio: mas a Páscoa tinha uma intenção humana, naturalista e social, embora subjacente, que nos divergia.

É noutro poeta — brasileiro, rio-grandense, boémio com algo de Baudelaire e Nerval vazado em parnasiano-simbolista — que se filiam certas tonalidades da Páscoa Feliz. Devia eu ter oito ou nove anos, meu pai trouxe para casa um poema luxuosamente impresso nas oficinas gráficas da Livraria Americana, Porto Alegre, Brasil, Agosto de 1907*, com dedicatória manuscrita de Marcondes Maia «ao meu caro amigo Joaquim d'Almeida (doutor)», e datada de «Porto Alegre 19 Novembro 907»: Noite de Insomnia,

* E não 1908, como diz o excelente *Panorama da Poesia Brasileira* de Fernando Góes (Rio de Janeiro, 1959-60, vol. 4, «Simbolismo»). (Nota da 4.ª edição.)

por Marcello Gama. Que é que logo me atraiu nele? Foi talvez o primeiro poema que li na íntegra. Apaixonou-me. Reli-o cem vezes. Depois, esqueci-o no fundo dum baú.

O poeta, de seu verdadeiro nome Possidônio Machado, nasceu em Mostardas, R. G. do S., em 3 de Março de 1878, e «morreu tragicamente, na madrugada de 7 de Março de 1915», ao ser projectado, do «bonde» em que viajava, do alto do viaduto de Santa Teresa (Rio de Janeiro). Tivera por madrinha Dona Amargura e por padrinho o Belo,

que escolheram o nome heróico de Marcello.

O poema abria assim:

Mal vos posso dizer as torturas supremas
desta noite que foi de ilustrações aos poemas
do tenebroso Poe. Longa noite sinistra...

A tonalidade pessimista, que me repelia em
José Duro, empolgava-me nele:

Fora rude o meu dia, ao latir dos perversos,
que não valem, talvez, o pior dos meus versos...

Em que recessos do subconsciente se ocultou
por tantos anos, uns vinte, em que eu deixara
de o ler e o julgava esquecido? Tempos depois
de publicada a novela, apercebi-me, com terror,
que os pesadelos, os corvos encarniçados, a tona-
lidade nocturna, me vinham dele directamente.

Mas é claro que não há na trama e intenção da Páscoa nada que nele possa filiar-se. Que teria de «russo» este poeta dos antípodas e começo do século?

Os Pobres esperaram vinte anos pela consagração, que só veio com o triunfo da tradução castelhana. Ainda então restavam algumas centenas de exemplares da edição original. Essa injustiça — eu era novo — revoltou-me. Quanta glória fácil!

A Páscoa reaparece a vinte e seis anos de intervalo: mas não admira, é um fio de voz ao lado daquela epopeia. Além disso, a meus olhos, a vida pessoal tornou-se há muito um tecido contínuo, uma unidade em prospecto e retrospecto, e a cronologia subjectiva perdeu muito da significação que possa ter para os mais novos.

Pertence a um estrato, a um tempo ultrapassado. Se nunca se disse dela nem todo o bem nem todo o mal que merecia; embora eu próprio tenha reagido há muito contra os Raskolnikovs de pacotilha que depois dela inçaram certo segmento da nossa literatura; com todos os seus defeitos e apesar de ter envelhecido sob certos aspectos, encerra muito da minha continuidade, e ainda hoje a não repudio.

Em todo o caso, é consolador saber que esta novela, cuja técnica, expressão e estilo «não eram perfeitos, nem sequer pessoais» — escreveu há pouco João Gaspar Simões — muito embora se não pudessem considerar «já vistos», ensinou «um caminho por onde não passara ainda a nossa literatura de ficção» e é hoje (para o

tempo, é claro, em que surgiu) «qualquer coisa de novo, adentro, pelo menos, do quadro das letras nacionais». Não se poderia esperar mais generoso reconhecimento ao cabo de tantos anos, no decorrer dos quais encontrei sugestões, influências, reflexos evidentes da sua leitura em moços novelistas: o que não é de espantar, pois a mim mesmo ela ainda às vezes me comove.

Limitei-me, para esta edição definitiva, a dar-lhe alguns retoques de pormenor e a adicionar-lhe uma ou duas curtas passagens anteriormente suprimidas. Seria desonesto de outro modo transformá-la ou actualizá-la.

Quero, por fim, consignar aqui a minha gratidão a Nataniel Costa e aos Editores que corajosamente empreenderam esta publicação, e aos amigos que me estimularam a reatar, através do trabalho incessante, o contacto com o público: em particular a José Gomes Ferreira.

Lisboa, Junho de 1958.

JOSE RODRIGUES MIGUEIS